

MESTRADO EM PSICOLOGIA DESVIANTE E DA JUSTIÇA  
PSICOLOGIA

***Cyberbullying* e comunicação  
homofóbica na infância e na  
adolescência: Um estudo exploratório**

Mariana Melo Maia Barros Magalhães

**M**

2017



*CYBERBULLYING* E COMUNICAÇÃO HOMOFÓBICA NA INFÂNCIA E  
NA ADOLESCÊNCIA: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO

**Mariana Melo Maia Barros Magalhães**

Outubro 2017

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado em Psicologia, área de Psicologia do Comportamento Desviante e da Justiça, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pela Professora Doutora Conceição Nogueira (FPCEUP) e pelo Professor Doutor Miguel Cameira (FPCEUP).

## **AVISOS LEGAIS**

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, o autor declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. O autor declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

## **AGRADECIMENTOS**

À Professora Doutora Conceição Nogueira e ao Professor Doutor Miguel Cameira. Pelo acompanhamento constante e por me terem sempre mostrado o caminho a seguir. Por terem acreditado no potencial deste trabalho, por me terem feito superar-me a mim mesma todos os dias e por terem incentivado a minha paixão pela investigação.

Ao Professor Doutor Nuno Carneiro e à Professora Doutora Sara Magalhães, por todos os contributos que, sem dúvida, aumentaram a qualidade do meu trabalho e por estarem sempre dispostos a ajudar. Por me terem sempre criticado construtivamente, ajudando-me a crescer.

À Catarina Moraes. Pelos conselhos, pelos esclarecimentos a toda e qualquer hora, e pela paciência interminável. Não teria sido possível levar este trabalho a bom porto sem o teu apoio.

À Márcia, por ser a companhia de todas as horas e batalhas, por me fazer crescer e crescer comigo. À Mónica, por ser uma constante sem igual e por gostar sempre, sempre de mim. À Filipa, pelas noites de trabalho, pela partilha certa de contextos e da vida.

À Rita, por ter sido um exemplo de dedicação e de paixão pela área Desviante, que me deu certezas que é aqui que serei feliz. À Ana, por ser um exemplo de puro profissionalismo e sucesso, e por me fazer sempre querer evoluir.

À Patrícia, à Anita, à Gabriela, à Ana Isabel, à Lisa, à Brícia, à Ana, à Cátia, à Filipa e à Maria, por quererem sempre o melhor para mim e por estarem sempre presentes, seja para me animar nas derrotas, seja para festejar as minhas vitórias. Por me terem feito crescer e tornado no que sou hoje. Por me fazerem acreditar na possibilidade de um futuro conjunto.

A todos aqueles que, comigo, formaram aquela que é a família originada em 2012. Por me terem proporcionado os melhores 5 anos da minha vida e por, assim, me terem ajudado a chegar aqui. Serão, sem dúvida, inesquecíveis.

Por fim, aos meus pais. Por terem tornado tudo isto possível, por terem sempre defendido que eu era um investimento que valia a pena, por todo o apoio e por serem sempre um porto de abrigo para o qual posso voltar. Esta vitória é inteiramente dedicada a vocês.

## RESUMO

A presente investigação visa estudar as relações entre o *cyberbullying* e a comunicação de teor homofóbico na adolescência usando para tal as percepções retrospectivas de estudantes universitários. Os participantes foram 688 estudantes da Universidade do Porto, 522 do sexo feminino e 166 do sexo masculino, com idade média de 22.06 anos, DP = 4.67. O questionário utilizado era composto por 54 itens, entre os quais a *Homophobic Content Agent Target Scale*, e mede a frequência relativa dos comportamentos associados ao *cyberbullying*, os alvos da agressão, os meios utilizados para as agressões e o impacto destas em diversas esferas da vida dos/as participantes, quer na perspetiva das vítimas, quer na dos/das agressores/as. Foram identificados 44 respondentes vítimas frequentes e 10 perpetradores frequentes de *cyberbullying*, correspondendo a 6.4% e 1.5% da amostra, respetivamente. Em ambos os grupos, verificou-se um maior número de estudantes do género masculino. O grupo de 44 vítimas frequentes (28 do sexo feminino e 16 do sexo masculino) receberam proporcionalmente mais do que o dobro do reportado na amostra geral, de mensagens homofóbicas de amigos, de pessoas que não conheciam bem, ou de quem não gostavam, entre outras, confirmando assim a estreita relação entre o *cyberbullying* e a comunicação de teor homofóbico. Reportam, ainda, níveis de impacto nas diversas esferas da sua vida, em geral, 3 vezes maiores do que a amostra total, especialmente nas esferas psicológica e social. Verificámos ainda que 6 dos 10 *cyberbullies* referem também terem sido vítimas frequentes, sugerindo haver alguma relação entre vitimação e agressão no *cyberbullying*. Contudo, 25% das vítimas frequentes reportou não ter perpetrado qualquer tipo de *cyberbullying*, nem sequer ocasionalmente. Ademais, foi possível verificar que os/as estudantes percecionados/as como LG não são um alvo mais frequente do que os/as estudantes não percecionados/as como LG. Quanto aos meios utilizados para levar a cabo a agressão, os *chats* e as mensagens de texto foram os mais referidos pela nossa amostra em detrimento das chamadas telefónicas e dos *emails* e que os alvos e os agressores mais frequentes eram amigos dos/das participantes. No geral, não foram encontradas diferenças significativas entre os/as estudantes provenientes de meio rural ou de meio urbano.

**Palavras-chave:** *Bullying*; *Cyberbullying*; homofobia; vitimização; agressão; adolescência.

## ABSTRACT

The present research aims to study the relationship between cyberbullying and homophobic content based on university students' retrospective perceptions. The participants were 688 students from the University of Porto, 522 females and 166 males, with average age of 22.06 years,  $SD = 4.67$ . The survey used consisted of 54 items, including the Homophobic Content Agent Target Scale, and it measures the relative frequency of behaviors associated with cyberbullying, the targets of aggression, the means used for the aggressions, and the impact of these on different dimensions of the participants' life, both from the perspective of the victims and the aggressors. We have identified 44 frequent and very frequent perpetrators of cyberbullying, corresponding to 6.4% and 1.5% of the sample, respectively. In both groups, a greater number of male students has been identified. The group of 44 frequent victims (28 females and 16 males) received proportionally twice as many homophobic messages from friends, people who did not know well or who did not like, among others, than those which were mentioned in the general sample, thus confirming the close relationship between cyberbullying and homophobic communication. The respondents have also reported levels of impact in the various dimensions of their lives, generally 3 times higher than in the total sample, especially in the psychological and social areas. We have also verified that 6 out of 10 cyberbullies had also reported being frequent victims, which suggests the existence of a relationship between victimization and aggression in cyberbullying. Nonetheless, 25% of the frequent victims reported not having perpetrated any kind of cyberbullying, not even occasionally. In addition, it was possible to verify that students perceived as gay or lesbian are not a more frequent target than students not perceived as gay or lesbian.

With reference to the means used to carry out the aggression, chats and text messages were mentioned the most by the respondents whereas telephone calls and emails were the least mentioned. It is also worth mentioning that the targets and the most frequent aggressors were friends of the participants. In general, no significant differences have been found between students from rural or urban areas.

**Keywords:** Bullying; Cyberbullying; homophobia; victimization; aggression; adolescence.

## RÉSUMÉ

La présente recherche vise à étudier les relations entre le *cyberbullying* et le contenu homophobe à l'adolescence, utilisant les perceptions rétrospectives des étudiants universitaires. Les participants étaient 688 étudiants de l'Université de Porto, 522 femmes et 166 hommes, avec un âge moyen de 22,06 ans, SD = 4,67. Le questionnaire utilisé comprenait 54 éléments, parmi lesquels la *Homophobic Content Agent Target Scale*, et mesure la fréquence relative des comportements associés aux *cyberbullying*, les cibles d'agression, les moyens utilisés pour les agressions et leur impact sur les différents sphères de la vie des participants, tant du point de vue des victimes que des agresseurs. Nous avons identifié 44 auteurs fréquents et très fréquents de *cyberbullying*, correspondant respectivement à 6,4% et 1,5% de l'échantillon. Dans les deux groupes, un plus grand nombre d'étudiants masculins ont été observés. Le groupe de 44 victimes fréquentes (28 femmes et 16 mâles) a reçu, proportionnellement, plus du double de l'échantillon général, des messages homophobes d'amis, des personnes qu'ils ne connaissaient pas bien ou qui n'aimaient pas, entre autres, confirmant ainsi la relation étroite entre le *cyberbullying* et la communication homophobe. Ils rapportent également les niveaux d'impact dans les différentes sphères de leur vie, généralement 3 fois plus élevé que dans l'échantillon total, en particulier dans les sphères psychologiques et sociales. Nous avons également vérifié que 6 des 10 *cyberbullies* avaient également signalé être des victimes fréquentes, ce qui suggère une relation entre la victimisation et l'agression dans le *cyberbullying*. Cependant, 25% des victimes fréquentes ont déclaré ne pas avoir perpétré aucune sorte de *cyberbullying*, même occasionnellement. En plus, il a été possible de vérifier que les étudiants perçus comme homosexuels ou lesbiens ne sont pas une cible plus fréquente que les étudiants qui ne sont pas perçus comme des gais ou des lesbiennes.

En ce qui concerne les moyens utilisés pour mener l'agression, les *chats* et les messages texte ont été les plus mentionnés par notre échantillon au détriment des appels téléphoniques et des courriels, et que les cibles et les agresseurs les plus fréquents étaient amis des participants. En général, aucune différence significative n'a été trouvée entre les élèves des régions rurales ou urbaines.

**Mots-clés:** *Bullying* ; *Cyberbullying* ; homophobie; victimisation; agression; adolescence.

## Índice

|  |           |
|--|-----------|
| <b>1. INTRODUÇÃO .....</b>   | <b>1</b>  |
| 1.1. Bullying.....   | 1         |
| 1.1.1. Meio rural vs. Meio urbano.....                                     | 2         |
| 1.2. Cyberbullying.....  | 3         |
| 1.2.1. Tipos e níveis de <i>cyberbullying</i> .....                        | 6         |
| 1.3. Cyberbullying de teor homofóbico .....                                | 7         |
| 1.3.1. Prevalência do <i>bullying</i> homofóbico.....                      | 10        |
| 1.3.2. Consequências do bullying homofóbico .....                          | 14        |
| 1.3.3. Legislação relevante.....   | 15        |
| <b>2. ESTUDO EMPÍRICO.....</b>   | <b>16</b> |
| 2.1. Objectivos da investigação e hipóteses .....                          | 16        |
| 2.2. Metodologia .....   | 17        |
| 2.2.1. Participantes .....   | 17        |
| 2.2.2. Instrumento.....  | 17        |
| 2.2.3. Procedimento.....   | 19        |
| 2.2.4. Método de análise de dados .....                                    | 19        |
| 2.3. Resultados .....  | 20        |
| 2.3.1. Vitimação de <i>cyberbullying</i> .....                             | 20        |
| 2.3.2. Vitimação de <i>cyberbullying</i> homofóbico .....                  | 22        |
| 2.3.3. Perpetração de <i>cyberbullying</i> .....                           | 25        |
| 2.3.4. Perpetração de <i>cyberbullying</i> homofóbico .....                | 27        |
| 2.2.5. Diferenças relativamente ao meio da escola básica e secundária..... | 29        |
| <b>3. DISCUSSÃO.....</b>   | <b>31</b> |
| <b>4. CONCLUSÕES .....</b>   | <b>36</b> |
| <b>5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>                                 | <b>38</b> |



# 1. INTRODUÇÃO

## 1.1. *Bullying*

Frequentemente observado no ambiente escolar, o *bullying* é, atualmente, um fenómeno amplamente conhecido pela opinião pública (Maidel, 2009). Define-se pela agressão física, verbal ou psicológica, de crianças e adolescentes contra os seus pares (Medeiros et al., 2015). É uma conduta intencional e repetida (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, 2011; Cuellar & Acosta, 2013; Pinheiro, 2009), especialmente dirigida a crianças ou adolescentes com dificuldade em defender-se (Olweus, 2003, 2011), causando-lhe dor, angústia e sofrimento (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, 2011; Maidel, 2009). Em geral, assume um carácter proactivo, isto é, ocorre sem provocação ou ameaça aparente por parte da vítima (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, 2011; Cuellar & Acosta, 2013; Olweus, 2003). Ademais, por ocorrer em situações aparentemente vulgares do ambiente escolar, o *bullying* é um fenómeno subestimado, pelo que nem sempre é percebido ou mesmo combatido (Maidel, 2009), tanto pelas/pelos professoras/es como pelos/pelas progenitores/as (Neto, 2005).

A intencionalidade, o carácter repetitivo e a assimetria de poder entre o/a agressor/a e a vítima são os três critérios mais importantes para que um comportamento agressivo possa ser denominado de *bullying* (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, 2011; Olweus, 2003, 2013). A intencionalidade e a repetição das condutas agressivas encontram-se interligadas já que, segundo Olweus (2013), se o comportamento agressivo não fosse intencional, este não se repetiria. Quanto ao desequilíbrio de forças, este é frequentemente associado a uma força física superior do/da agressor/agressora, mas pode também estar relacionado com fatores como a autoestima e a popularidade no grupo de pares (Olweus, 2013), assumindo-se como um ato de afirmação do poder interpessoal, tradicionalmente admitido como natural, sendo geralmente ignorado ou desvalorizado (Neto, 2005).

É habitual diferenciar-se entre *bullying* direto e *bullying* indireto (Olweus, 2013; Neto, 2005; Wal, Wit, & Hirasing, 2003). O primeiro, de carácter mais evidente, inclui todas as formas de agressão física e verbal, tais como o assédio, as ameaças e a coerção; o

segundo tipo, menos visível para terceiros, actua ao nível relacional, através de estratégias de isolamento social ou difamação. O tipo indireto é mais utilizado por agressores do sexo feminino (Olweus, 2003) e está dependente da maturidade do/a agressor/a uma vez que, para ser eficaz, as suas competências sociais e verbais devem estar bem desenvolvidas (Björkqvist, Lagerspetz, & Kaukiainen, 1992). Ambos os tipos de *bullying* se revelam extremamente nocivos para as vítimas sobretudo quando ocorrem em conjunto (Medeiros et al., 2015).

Como referido anteriormente, a literatura aponta para diferenças de género associadas a este tipo de conduta agressiva. Björkqvist e colaboradores (1992) verificaram que, enquanto os rapazes demonstram uma predisposição superior para infligir dor física, não existem diferenças significativas entre os dois géneros relativamente à infligência de dor mental. Por sua vez, Olweus (2003) verificou que os rapazes são mais frequentemente agressores do que o sexo oposto e que uma grande percentagem de raparigas (cerca de 50%) reportam terem sido vítimas de *bullying* por parte de rapazes. Por sua vez, Rodrigues, Grave, Oliveira e Nogueira (2016), afirmam que, comparativamente às raparigas, os rapazes são mais frequentemente vítimas e agressores simultaneamente.

#### **1.1.1. Meio rural vs. Meio urbano**

A nível internacional, o estudo de Mayer e Khol (2014), realizado com 105 alunos/as das escolas estaduais da zona urbana e rural do município de Santa Cruz do Sul (Brasil), verificou que 44% dos/as alunos/as pertencentes ao meio urbano já vivenciaram algum tipo de agressividade, enquanto 34.8% dos/as alunos/as do meio rural tiveram essa mesma experiência, pelo que não haveria diferenças significativas entre as escolas de ambas as zonas. Comparando os tipos de agressão, observou-se que o *bullying* verbal é mais frequente na zona rural (30.6%) do que na zona urbana (15.2%).

Ainda no Brasil, foi realizada uma investigação com 54 alunos/as do 5º ano de 3 escolas distintas (situadas na área rural, na área urbana periférica e na área urbana central), cujos resultados apontaram para uma maior ocorrência de *bullying* na escola situada no meio rural (Kuhn, Lyra & Tosi, 2011). Relativamente aos tipos de *bullying*, foi possível verificar que o *bullying* indireto e o *bullying* verbal são modalidades mais frequentes no meio rural, enquanto o *bullying* físico é mais usual no meio urbano.

Já no contexto nacional, Pereira, Mendonça, Neto, Valente e Smith (2004) promoveram uma investigação em seis escolas do distrito de Braga e quatro escolas do distrito de Lisboa, com o intuito de verificarem a existência de diferenças significativas relativas aos comportamentos associados ao *bullying* entre as regiões norte e centro do país. Nesta última, não foram encontradas diferenças significativas.

Em 2014, Silva realizou um estudo com 294 alunos/as do 3º ciclo, com vista a apurar se o contexto social dos/as mesmos/as poderia ser uma variável influente quanto ao *bullying*. Os seus resultados apontaram a existência de diferenças significativas relativamente à vitimação, sendo que 60.3% dos/as estudantes de escolas no meio rural já tinham sido vítimas, enquanto apenas 36.2% dos/as alunos/as do meio urbano tinham passado pela experiência de vitimação. Quanto ao papel de agressor/a, verificou-se que existem mais alunos/as a violentar colegas na área rural do que na área urbana. Relativamente aos diferentes tipos de agressão praticados (agressão física, roubos, assustar, insultar, espalhar boatos, ignorar), conclui-se que não existiam diferenças significativas entre os dois meios.

## **1.2. Cyberbullying**

A evolução das tecnologias de informação e de comunicação (TIC) e a sua utilização crescente pela população em geral, levou a que estas assumissem um papel de relevo cada vez maior na sociedade contemporânea e, em especial, nas interações que estabelecemos no nosso quotidiano (Matos, Pessoa, Amado & Jäger, 2011). Encontramos as percentagens mais elevadas de utilizadores/as da Internet para efeitos de comunicação interpessoal na faixa etária dos 16-24 anos, sendo que 90% deles/as a utilizam para envio de mensagens em *chats*, *blogues* ou redes sociais, e 95% para comunicar através do correio eletrónico – o *e-mail* (Matos et al., 2011).

Contudo, estas “novas tecnologias” de comunicação oferecem tantos benefícios como malefícios para a vida quotidiana. Da mesma forma que propiciam formas facilitadas de comunicação e troca de conhecimento, as TIC podem influenciar de modo prejudicial o comportamento dos indivíduos, existindo a possibilidade de incitarem atitudes geradoras de violência nos meios virtuais (Matos et al., 2011; Wanzinack & Reis, 2015). Deste

modo, tornou-se possível a conversão do espaço virtual num espaço de prática de *bullying* (Buelga, Cava & Musitu, 2010; Campos, 2009; Kowalski & Limber, 2007; Maidel, 2009), não envolvendo agressões face a face (Cruz, 2011).

O *cyberbullying*, ou *bullying* virtual, é a expressão deste comportamento através das novas tecnologias de informação e comunicação, as quais se tornaram parte da cultura atual (Pinheiro, 2009). Levado a cabo através da utilização de variados dispositivos eletrónicos, este fenómeno pode ser definido como um comportamento intencional, agressivo e repetido, cujo alvo é, como no *bullying* tradicional, um indivíduo que não se consegue defender facilmente (Belsey, 2005; Smith, Mahdavi, Carvalho, & Tippet, 2006). Assim, este fenómeno traduz-se através da publicação ou do envio de material prejudicial, ou do envolvimento noutras formas de agressão social, valendo-se da utilização da Internet ou de outras tecnologias digitais (Willard, 2005, 2007). Tal prática é facilitada através do recurso a todas as formas de publicação na internet e em meios eletrónicos de comunicação, tais como *e-mails*, grupos de discussão, mensagens de texto/digitais (Willard, 2005), *blogs*, salas de *chats*, mensagens instantâneas (Pescitelli, 2013; Willard, 2005), redes sociais, sites de crítica de cinema, sites de partilha de vídeos e jogos *online* (Pescitelli, 2013), entre outros. Não obstante, independentemente dos canais utilizados para a prática desta conduta agressiva, reconhece-se um grande impacto psicológico, emocional, e mesmo físico, não só nos indivíduos envolvidos como nas suas famílias (Matos et al., 2011).

Analisando a definição do fenómeno, é perceptível a existência de características comuns com o *bullying* tradicional. A intencionalidade do/da agressor/agressora, o carácter repetitivo das agressões e o desequilíbrio de poder entre o/a agressor/agressora e a vítima são aspetos que se mantêm no *cyberbullying* (Buelga et al., 2010). Não obstante, é importante referir que algumas similaridades tomam contornos consideravelmente distintos no ciberespaço.

Quanto à repetição da conduta agressiva, é importante referir que esta toma contornos distintos no ciberespaço. Algumas agressões podem referir-se a uma única ação (envio de mensagem ou publicação de uma imagem, por exemplo) mas esta pode ser partilhada com um grande grupo (Olweus, 2013), ocorrendo assim uma repetição da agressão.

No que se refere a este último aspeto, alguns/algumas autores/as referem que os/as agressores/as não precisam de ser fisicamente mais fortes que a vítima (Wanzinack & Reis, 2015; Willard, 2005), enquanto outros/as referem que o desequilíbrio de poder continua a existir no ciberespaço, ainda que de forma diferente comparativamente ao contexto escolar. Este desequilíbrio basearia-se nos conhecimentos tecnológicos do/a agressor/a (Olweus, 2013; Matos et al., 2011) ou na possibilidade de este/a permanecer anónimo/a (Olweus, 2013).

A oportunidade de manter do anonimato do/da agressor/agressora possibilitada pelas TIC (Cuellar & Acosta, 2013; Pinheiro, 2009; Willard, 2005) através da utilização de pseudónimos ou nomes falsos (Buelga et al., 2010) revela-se um dos motivos mais frequentes para que este tipo de agressão se reproduza (Pinheiro, 2009). Deste modo, o/a ofensor/ofensora pode controlar a situação de violência sem obrigatoriedade de exposição (Buelga & Pons, 2012), não percebe as consequências que os seus comportamentos agressivos causam na vítima (Kowalski & Limber, 2007; Wanzinack & Reis, 2015) e percebe o risco de punição como reduzido (Matos et al., 2011). Além disso, tal como já foi referido, possibilita a ausência de diferença de forças entre o/a agressora/agressor e a vítima (Wanzinack & Reis, 2015) e proporciona ao/à agressor/a a oportunidade de expressar algo que este/a estaria reticente em expressar em situações face-a-face (Kowalski & Limber, 2007; Pescitelli, 2013). Importa referir que a vítima não tem meios para saber se a agressão é levada a cabo por uma pessoa ou por um grupo, ou se conhece ou não o/a agressor/a (Kowalski & Limber, 2007).

Através da utilização das tecnologias de comunicação e de informação, e dos dispositivos associados, o *cyberbullying* tem ainda o potencial para exceder as barreiras de tempo e espaço do *bullying* tradicional (Cruz, 2011). Neste sentido, as agressões que ocorrem no ciberespaço podem ocorrer em qualquer altura e em qualquer lugar (Cuellar & Acosta, 2013; Pinheiro, 2009; Willard, 2005), aumentando, assim, a dificuldade de escapar à agressão na vítima (Matos et al., 2011) e, consequentemente, a sua perceção de vulnerabilidade (Kowalski & Limber, 2007; Maidel, 2009).

Da mesma forma que os meios tecnológicos permitem a transcendência do tempo e do espaço, estes possibilitam, também, uma rápida difusão da informação em causa (imagens embaraçosas, rumores, entre outros; Cruz, 2011) para um grande número de recetores (Cuellar & Acosta, 2013; Kowalski & Limber, 2007; Olweus, 2013; Willard, 2005). Assim, enquanto um ato de violência tradicional está limitado a um espaço restrito,

a um número limitado de observadores, e a um dado momento, a violência que ocorre no domínio virtual tem o potencial de se propagar pela rede de computadores, abrangendo um público maior e, conseqüentemente, expondo a vítima numa maior escala (Wanzinack & Reis, 2015). Da mesma forma, espaços anteriormente sentidos como seguros para crianças e adolescentes são, agora, possíveis locais de agressões com a capacidade de se difundir rapidamente por um público amplo (Kowalski & Limber, 2007; Maidel, 2009). Ademais, qualquer conteúdo colocado no ciberespaço fica registrado, concedendo-lhe um caráter contínuo e duradouro, e foge do controlo do/a agressor/a e da vítima, uma vez que pode ser pesquisado, encontrado e reencaminhado por qualquer pessoa sucessivamente (Cruz, 2011; Maidel, 2009; Matos et al., 2011; Pinheiro, 2009). Este fenómeno implica, ainda, uma grande dificuldade (ou mesmo impossibilidade) de retirar as agressões (sendo elas injúrias, calúnias ou informações degradantes) de circulação (Willard, 2005).

Alguns/algumas autores/autoras consideram que as peculiaridades do *cyberbullying* provocam uma amplificação das suas conseqüências e do seu impacto nas vítimas, contribuindo desta forma para a compreensão da gravidade deste tipo de agressão (Matos et al., 2011).

O *cyberbullying* envolve diversos/as intervenientes. O *cyberbullies* são os indivíduos que levam a cabo a agressão, enquanto as *cybervítimas* são os alvos da mesma. Consoante a reação adotada, os/as sujeitos/as que assistem à agressão podem ser divididos/as em dois grupos: os *bystanders*, que não intervêm na situação agressiva; e os *upstanders*, que intercedem em defesa da vítima (Blumenfeld & Cooper, 2010).

### **1.2.1. Tipos e níveis de *cyberbullying***

Por apresentar uma expressão multifacetada, vários/as autores/as avançam com diversas tipologias para o fenómeno do *cyberbullying*. Em 2005, Nancy Willard elaborou propôs a classificação das agressões eletrónicas em 6 categorias distintas: o Assédio, o *Cyberstalking*, a Difamação, a Personificação, a Violação da Intimidade e a Exclusão. O Assédio seria o envio repetido de mensagens ofensivas à vítima. O *Cyberstalking*, ou perseguição, representaria o envio repetido de ameaças de dano ou de mensagens altamente intimidantes. A Difamação traduzir-se-ia na publicação de declarações falsas ou cruéis acerca da vítima no ciberespaço. A Personificação teria lugar quando o/a agressor/a se faz passar pela vítima com o intuito de a colocar em perigo ou de denegrir a sua

imagem. A Violação da intimidade aconteceria quando o/a agressor/agressora publicasse material que contivesse informação privada e sensível sobre a vítima ou reencaminhasse mensagens privadas da vítima. Por último, a Exclusão baseia-se, tal como o nome indica, na exclusão intencional do/a sujeito/a de um grupo *online*. Esta classificação tem sido das mais utilizadas na literatura.

Por sua vez, Pinheiro (2009) definiu 3 níveis para o *cyberbullying*. O primeiro consistiria na utilização exclusiva da internet para a perpetração da agressão. No segundo nível, haveria uma continuidade do *bullying* para o *cyberbullying*. Assim, a agressão ocorreria, em primeiro lugar, face-a-face, continuando posteriormente no ciberespaço. Por fim, no terceiro nível, o/a *bully* ou *bullies* recorreriam ao *bullying* para a concretização do *cyberbullying*. Este último estaria dividido em duas categorias: a mais leve, em que uma agressão é levada a cabo com o objetivo de ser fotografada e difundida com recurso a mensagens multimédia ou à internet; e a mais grave, em que a agressão é filmada e não fotografada, para depois ser difundida.

### **1.3. *Cyberbullying* de teor homofóbico**

A violência, enquanto comportamento humano natural, encontra-se presente em todos os grupos sociais. Não obstante, verifica-se uma vulnerabilidade superior de certos grupos, entre os quais se encontra a população lésbica, *gay*, bissexual, transsexual e travesti (LGBT; Dantas & Neto, 2015). A discriminação da qual lésbicas, *gays*, bissexuais, travestis e transsexuais são alvo assume a forma de violência simbólica (relacionada à linguagem), sendo que estes/as sujeitos/as são considerados/as como seres desviantes e colocados/as numa posição de inferioridade, por não se apresentarem em conformidade com a heteronormatividade e/ou das normas de género socialmente estabelecidas e culturalmente predominantes (Dantas & Neto, 2015). Segundo Dantas e Neto (2015), a “violência simbólica” contra a comunidade LGBT ficou conhecida pela expressão de homofobia, representante de um conjunto de palavras, ações e “emoções negativas” em relação a pessoas homossexuais.

É possível reconhecer uma ligação estreita entre a homofobia e o heterossexismo, enquanto crença numa hierarquização das sexualidades que coloca a heterossexualidade

num patamar superior a todas as outras (Borillo, 2001). A atitude hostil perante pessoas identificadas como homossexuais constrói e fiscaliza as masculinidades heterossexuais, reforçando versões de masculinidade e feminilidade específicas (Epstein, 1997). Assim a homofobia pode instituir um ódio generalizado não só às pessoas homossexuais mas àquelas que são assim percebidas ou consideradas (Dantas & Neto, 2015). Neste sentido, todos os indivíduos que resistem à conformidade com as identidades de género convencionais sofrem represálias, sendo estas, geralmente, mais árduas para o sexo masculino (Epstein, 1997). Um exemplo destas é o *gender bashing*: uma prática discriminatória comum, baseada em ataques ou insultos em função do género ou expressão de género (Costa, Pereira, Oliveira, & Nogueira, 2010).

Segundo Epstein (1997), frequentemente, a homofobia direcionada a rapazes que não se enquadram no papel masculino heteronormativo pretende focar a semelhança verificada relativamente ao papel de género feminino. Assim sendo, enquanto uma rapariga assimilar características tipicamente masculinas pode ser interpretado como algo positivo, um rapaz adquirir características tradicionalmente femininas é, quase inevitavelmente, visto como problemático, uma vez que o sexo feminino acarreta, de certa forma, uma conotação negativa. Desta forma, podemos concluir que a homofobia é utilizada de forma a controlar não só a sexualidade, como também a conformidade com os papéis de género socialmente estabelecidos. Além disso, apresenta uma ligação estreita com o sexismo, na medida em que a misoginia é considerada uma forma de homofobia (Epstein, 1997), e com o genderismo, enquanto ideologia reforçadora de uma apreciação negativa relativa à não conformidade com as construções concetuais hegemónicas dos papéis de género (Costa et al., 2010). Assim, faz sentido abordar, também, o conceito de transfobia, que engloba sentimentos de repulsa relativamente a mulheres com características masculinas, homens com características femininas, travestis e *crossgenders*, transgéneros e transsexuais (Costa et al., 2010).

O ciberespaço não é um contexto isolado, devendo ser encarada como uma expansão do real (Lima, 2009). Assim, a vivência das diferentes identidades sexuais verifica-se em todos os espaços, nomeadamente nos virtuais (Santos, Santiago & Quirino, 2015). Os espaços de pertença *online* têm-se tornado cada vez mais importantes como meios de atenuação do estigma social vivido pela comunidade LGBT (Dantas & Neto, 2015) e como espaços de apoio mútuo entre indivíduos similares (Blumenfeld & Cooper, 2010; Dantas & Neto, 2015), possibilitando assim uma vivência menos conflituosa da sua



orientação sexual (Dantas & Neto, 2015). Da mesma forma que os avanços tecnológicos permitiram a expressão e a vivência destas mesmas identidades no ciberespaço, também possibilitaram o deslocamento de práticas discriminatórias para o espaço virtual. Assim, a homofobia marca presença na comunidade virtual, que se assume como uma das instâncias de controlo da aparência corporal e da expressão da sexualidade (Dantas & Neto, 2015), tomando proporções cada vez mais agressivas e constantes nas redes sociais (Wanzinack & Reis, 2015).

As práticas discriminatórias supracitadas podem ser associadas ao *cyberbullying*, que é uma das modalidades privilegiadas quando a intimidação é motivada pela homofobia (Cuellar & Acosta, 2013). No seu estudo, Varjas, Meyers, Kiperman e Howard (2012) verificaram que 61% dos/as participantes apontaram a orientação sexual como um motivo frequente da cibervitimização. Este fenómeno pode ser motivado pelo ódio e pelo preconceito, verificando-se o recrutamento para grupos de ódio *online*, jogos que reforçam o preconceito baseado no ódio e a formação de comunidades *online* baseadas no ódio formadas por camadas jovens (Willard, 2005). Ademais, segundo Wiederhold (2014), os/as jovens que se identificam como LGBT ou que questionam a sua identidade sexual são, talvez, o grupo mais afetado pelo *cyberbullying*. As formas manifestas de homofobia e transfobia *online* incluem ameaças, insultos, discurso de ódio e assédio, enquanto as formas mais subtis são expressas por comentários heteronormativos e heterossexistas (Pescitelli, 2013).

Da mesma forma que ocorre no *bullying* tradicional, as vítimas tendem a ser estudantes que apresentam alguma diferença relativamente à maioria, como a orientação sexual ou as características físicas (Cuellar & Acosta, 2013). Importa mencionar que a vitimação não é apenas primária. A exposição constante a insultos e comentários homofóbicos, frequentemente de ordem heterossexista, é uma fonte bastante comum de vitimação secundária (Pescitelli, 2013).

Segundo os dados obtidos por Pescitelli (2013), apesar da discriminação sofrida ser, frequentemente, perpetuada por outros/as indivíduos/as, também os *sites* podem conter aspetos homofóbicos e/ou transfóbicos. Traduzindo-se de diversas formas, a manifestação discriminatória mais frequente ocorre quando os/as indivíduos/as se encontram impossibilitados de criar uma identidade *online* que reflita a sua identidade *offline*, sendo que a maioria dos sites permitem um conjunto muito limitado de opções (por exemplo, na escolha do género, vários sites possibilitam, apenas, a escolha de “feminino” ou

“masculino”). Também alguns anúncios considerados personalizados (a partir do registo *online* do sujeito) são considerados ofensivos pelos/as participantes da sua pesquisa, devido a evidenciarem a monitorização do percurso no ciberespaço dos/as sujeitos/as e a reduzirem o indivíduo a uma categoria, considerando que todos os membros da mesma são similares. Quando expostos a tais práticas discriminatórias, os/as participantes relataram sentir-se zangados/as, irritados/as e chateados/as. Questionados/as acerca de razões possíveis para os comportamentos discriminatórios no ciberespaço, os/as participantes salientaram o distanciamento entre o/a agressor/a e vítima inerente ao ciberespaço, a existência de opiniões fortes acerca da homossexualidade e do transgenderismo e a frequente aceitação social da transfobia.

### **1.3.1. Prevalência do *bullying* homofóbico**

O contexto escolar é um dos locais onde a discriminação motivada pela orientação sexual ou pelo carácter hétero-normativo do ambiente escolar toma presença, assumindo contornos idênticos em diversos países, como Portugal, Reino Unido, entre outros (António, Pinto, Pereira, Farcas & Moleiro, 2012). Para muitos/as jovens LG ou que não se apresentam em conformidade com as normas de género, a rotina escolar diária está repleta de episódios de assédio e vitimação (Russell, Ryan, Tomey, Diaz, & Sanchez, 2011). A maioria dos/das estudantes já presenciou este fenómeno direccionado a jovens que são ou que se pensa que possam ser LG (António et al., 2012).

Analisando os resultados do observatório da discriminação em função da orientação sexual e identidade de género de 2015, verificamos que, em 15.44% das denúncias, o local da situação discriminatória foi *online* (Intervenção Lésbica, Gay, Bissexual e Transgénero Portugal, 2016). Do mesmo modo, 41.61% das situações de discriminação ocorreram através de abuso/ameaça verbal, sendo que 18% das mesmas tiveram lugar nas redes sociais e que parte das restantes situações ocorreram através de discursos de ódio em jornais *online*. Ademais, 71% das situações discriminatórias descritas tiveram por motivo a homofobia, 6% a transfobia e 11% ambos os motivos anteriores. Importa ainda referir que, dos crimes e incidentes registados cuja motivação subjacente era o ódio, 39% eram baseados no discurso de ódio, também identificado *online*.

Os rapazes constituem o grupo de vítimas mais frequente destas agressões (António et al., 2012; Russell, et al., 2011). Segundo Costa e colaboradores (2010), o sexo

masculino diferencia-se do feminino tanto pela manutenção de um sistema heterossexista, como pelo número superior de agressões dirigidas a sujeitos cuja expressão de género é não normativa.

Ao realizarem um estudo acerca da relação entre o *cyberbullying* e a orientação sexual, Hinduja e Patchin (2011) verificaram que as vítimas mais frequentes são as raparigas não-heterossexuais, seguindo-se os rapazes não-heterossexuais. Concomitantemente, os resultados obtidos por outros estudos demonstraram que, as raparigas são as vítimas mais frequentes (Coelho, Sousa, Marchante, Brás & Romão, 2016; Schäfer et al., 2004). Além disso, Hinduja e Patchin (2011) observaram que, comparativamente aos/as estudantes heterossexuais, o número de estudantes LGBT que afirmaram terem sido vítimas de *cyberbullying* ao longo da vida foi quase o dobro (36.4% comparativamente a 20.1%). A par disto, relativamente a ser agressor/a no contexto virtual, os/as estudantes LGBT assumem uma percentagem bastante superior aos/as estudantes heterossexuais (38.8% comparativamente a 18.8%). Segundo Pescitelli (2013), são os indivíduos transsexuais as principais vítimas dos/as agressores/as LGBT.

Comparativamente a estudantes *gays*, lésbicas e bissexuais, os/as estudantes que se identificam como *queer* reportam maior vitimação homofóbica (Russell et al, 2011). Ademais, segundo António e colaboradores (2012), apesar de haver testemunhas, são raras as intervenções a favor da vítima nestas situações, assinalando-se uma percentagem elevada de comportamentos que incentivam e desvalorizam a agressão. Ademais, autores constataram que, geralmente, as/os agressoras/agressores aparentam não ter consequências ou sanções.

Analisando o grupo de agressores/as neste fenómeno, Coelho e colaboradores (2016) verificaram que o sexo masculino formava o grupo de agressores mais frequentes. Estudando a relação entre o *bullying* tradicional e conteúdo verbal homofóbico, Poteat e Espelage (2005) puderam observar que os participantes do género masculino eram o grupo de agressores que mais frequentemente direcionava aos/as colegas comentários cujo conteúdo era homofóbico. Também os resultados obtidos por Prati (2012) vão de encontro aos anteriores, revelando que os estudantes do género masculino perpetravam mais atos agressivos de teor homofóbico, comparativamente às estudantes do género feminino.

Num estudo realizado com 1000 estudantes do 5º e 9º ano, Wanzinack e Reis (2015) verificaram que 48 dos/as mesmos/as reportaram já ter experienciado

consequências negativas relacionadas com questões relativas à violência de gênero nos meios virtuais, na maioria de vezes, discriminação relacionada à orientação sexual.

Ao explorar a frequência e o impacto do *cyberbullying* na vida de jovens LGBT e respectivos/as aliados/as cuja orientação é heterossexual, Cooper e Blumenfeld (2012) constataram que também os/as jovens aliados/as estão em risco de ser vítimas de condutas agressivas no ciberespaço devido à sua ligação com a comunidade LGBT, apresentando uma maior tendência que os/as jovens heterossexuais não aliados/as às minorias sexuais. Muitos destes reportaram ter sido vítimas tanto de mensagens ordinárias e violentas, como de mensagens ameaçadoras e intimidantes, mais do que uma vez por semana. Relativamente às mensagens ordinárias e violentas, estas são recebidas através de redes sociais, mensagens instantâneas, *e-mails*, mensagens de texto e *chats*. Quanto às ameaças e intimidações, estas foram sofridas através de redes sociais e mensagens instantâneas.

Segundo Harris Interactive e Gay, Lesbian and Straight Education Network (GLSEN; 2005), além de ser o tipo de discurso ofensivo mais frequente, o discurso homofóbico e sexistas é também o mais provável de ser proferido pelos/as adolescentes: 52% dos/das estudantes reportam ouvir frequentemente comentários homofóbicos, enquanto 51% afirmam ouvir frequentemente comentários sexistas. Verificou-se, ainda, que é mais frequente os/as adolescentes LGB serem expostos/as a este tipo de epítetos, comparativamente aos/às adolescentes não LGB (66% vs 51%). É importante referir que o ano escolar influencia a frequência com que os comentários são ouvidos.

Adicionalmente ao discurso homofóbico considerado tradicional (que inclui insultos como “bicha” e “sapatona”) – que metade dos/as adolescentes reportam ouvir, 69% desta população refere ouvir frequentemente no ambiente escolar expressões como “isso é tão gay” ou “és tão gay”. À semelhança do discurso anterior, a população LGB está mais propensa a estar exposta a este tipo de expressões do que a população não LGB (84% vs 68%), verificando-se uma elevada frequência em ambas (Harris Interactive & GLSEN, 2005).

Num estudo com 251 participantes de um colégio inteiramente masculino, Swearer, Turner, Givens e Pollack (2008) verificaram que 26% dos estudantes afirmaram terem sido vítimas de *bullying* com recurso a epítetos homofóbicos.

Com o objetivo de analisar o desenvolvimento da masculinidade na infância e adolescência, e o envolvimento com o grupo de pares masculinos, Plummer (2001)

analisou os discursos de 30 jovens (cujas idades variavam entre 18 e os 33 anos) em diversas entrevistas. Com este estudo, verificou que os termos homofóbicos entre rapazes começam a ser utilizados na escola primária, antes da puberdade. Neste período, estes comentários não contêm a conotação sexual dada, usualmente, pelos adultos. Ainda assim, assumem-se como os piores insultos possíveis entre os rapazes. Os participantes relataram que os insultos homofóbicos eram mais provocativos, intensos e dolorosos, comparativamente a outros termos insultuosos (que consideravam poder ser ignorados mais facilmente). O impacto atribuído pelos sujeitos a estes comentários (em termos de frequência, severidade, duração e poder relativo comparativamente a outros insultos) confirmou que estes epítetos são vistos de forma mais séria.

Segundo os resultados de Plummer (2001), a utilização destes epítetos faz parte das políticas e dinâmicas dos grupos de pares masculinos, sendo dirigidos aos indivíduos que, de alguma forma, diferem das expectativas coletivamente autorizada relativamente aos estereótipos de masculinidade e/ou que traem a solidariedade do grupo de pares. Ademais, torna-se importante notar que a homofobia é frequentemente expressada desconhecendo-se a orientação sexual do indivíduo a quem é dirigida. Desta forma, é possível concluir que a homofobia se desenvolve com base nas normas socialmente estabelecidas para cada género.

Em 2008, Poteat investigou o efeito do grupo de pares sobre o uso de comentários homofóbicos. O autor refere que, sendo que diferentes grupos de pares assumem comportamentos e dinâmicas distintas, a frequência do uso de insultos de teor homofóbico também varia entre os grupos. Ademais, os resultados apontaram para a existência de um grau de similaridade intragrupo relativamente à frequência do uso destes comentários. Observou-se, também, um uso mais recorrente de comentários homofóbicos em climas sociais agressivos. Assim, indivíduos/as que se encontrem ligados/as a comportamentos relacionados com o *bullying* e integrados em grupos de pares com ambientes mais agressivos encontram-se mais propensos a um uso mais frequente de epítetos homofóbicos, comparativamente a sujeitos/as que adotem comportamentos de *bullying* e cujo grupo de pares não tenha ambientes agressivos.

Poteat (2008) também verificou que o clima homofóbico do grupo de pares não contribui para explicar as diferenças no uso de epítetos homofóbicos, pelo que é possível concluir que o clima agressivo do grupo tem um efeito mais forte no aumento da

frequência do uso destes comentários. No entanto, ser alvo de epítetos homofóbicos tem um efeito preditor mais forte relativamente ao uso destes últimos, quando o clima do grupo de pares do sujeito é mais homofóbico. Estudantes inseridos/as num grupo de pares mais homofóbico e que são alvo de comentários homofóbicos podem sentir-se mais ameaçados pela potencial estigmatização ou possível rejeição caso não façam frente ao agressor. Este padrão de reação não é tão frequente em grupos com níveis homofóbicos mais baixos, pelo que os indivíduos neles integrados não interpretam tais epítetos como uma provocação séria que exige uma retaliação homofóbica. Os resultados obtidos por Poteat demonstraram, ainda, que, quanto mais homofóbico for o clima do grupo de pares, mais forte é o efeito preditor da vitimação com recurso a estes epítetos homofóbicos relativamente ao uso dos mesmos.

### **1.3.2. Consequências do bullying homofóbico**

Estas agressões (nomeadamente, o *bullying* e o assédio) direcionadas à comunidade LGBT resultam em consequências que não se cingem à adolescência (Hinduja & Patchin, 2011). Toomey, Ryan, Diaz, Card e Russell (2010), num estudo efetuado com 245 jovens adultos/as LGBT, verificaram uma correlação positiva entre os níveis de conformidade de género (ou seja, a maneira como os seus comportamentos e atitudes estão em conformidade com os comportamentos e atitudes socialmente estabelecidos para o seu género) em adolescentes e jovens adultos/as, e a vitimação escolar LGBT. Além disso, reportaram que tanto os níveis de conformidade de género como a vitimação escolar de adolescentes LGBT se encontram associados a níveis superiores de depressão e menor satisfação com a vida em jovens adultos/as.

No estudo de Cooper e Blumenfeld (2012), 56% dos/as participantes LGBT assumiram sentir-se deprimidos devido à cibervitimação, enquanto 19% confessaram ter tido ideações suicidas pelo mesmo motivo. Além disso, 43% destes/as participantes relataram ter apresentado má imagem corporal, 28% ter-se isolado dos/as seus/suas amigos/as, 27% ter-se isolado da sua família, 24% ter medo de ir à escola e 23% ter piorado os seus resultados académicos.

Swearer e colaboradores (2008) verificaram que os/as estudantes vítimas de *bullying* com recurso a epítetos homofóbicos experienciavam níveis superiores de angústia psicológica, índices de ansiedade e depressão superiores, vitimação por *bullying* físico e

verbal mais frequentemente, um locus de controlo mais exteriorizado, e uma perceção das experiências e do ambiente escolar mais negativa, quando comparados aos estudantes vítimas de *bullying* sem recurso a homofobia. Foram igualmente encontrados efeitos negativos na esfera psicossocial dos estudantes.

Importa referir que os/as sujeitos/as que se identificam ou são percebidos/as como LGB apresentam um risco superior de contrair uma gama abrangente de problemas de saúde (incluindo saúde mental; Russell et al., 2011). É possível destacar dor emocional e psicológica, baixa autoestima, altos níveis de ansiedade (Hinduja & Patchin, 2011), isolamento, tristeza, solidão (António et al., 2012), comportamentos sexuais de risco, depressão, ideação suicida (Russell et al, 2011) ou mesmo tentativa de suicídio (Walker, 2015). Ademais, a participação e o sucesso escolar podem ser afetados (Hinduja & Patchin, 2011; Walker, 2015), e as vítimas afirmam sentir-se menos seguras e menos integradas na comunidade (António et al., 2012).

### **1.3.3. Legislação relevante**

Importa referir que a legislação portuguesa não constitui o *cyberbullying* como crime, sendo todos estes casos reduzidos a uma infração análoga, como a difamação, e investigados posteriormente (Pinheiro, 2009). Não obstante, o Código Penal, através do artigo 240º, prevê que “Quem, em reunião pública, por escrito destinado a divulgação ou através de qualquer meio de comunicação social ou sistema informático destinado à divulgação: a) provocar atos de violência contra pessoa ou grupo de pessoas por causa da sua (...) orientação sexual ou identidade de género; ou b) difamar ou injuriar pessoa ou grupo de pessoas por causa da sua (...) orientação sexual ou identidade de género (...); ou c) ameaçar pessoa ou grupo de pessoas por causa da sua (...) orientação sexual ou identidade de género; com a intenção de incitar à discriminação (...) sexual, ou de a encorajar, é punido com pena de seis meses a cinco anos”. Tendo em conta que os meios através dos quais se podem realizar este tipo de agressões são muitas vezes informáticos e podem ser um veículo de divulgação de informação, o *cyberbullying* com conteúdo homofóbico pode ser associado ao artigo supracitado, enquanto conduta agressiva que tem por motivo a orientação sexual e/ou a identidade de género dos/as indivíduos/as.

## 2. ESTUDO EMPÍRICO

### 2.1. Objectivos da investigação e hipóteses

A presente investigação visa, em primeiro lugar, contribuir para o conhecimento do fenómeno do *cyberbullying* em Portugal, nomeadamente, a prevalência dos vários tipos de agressão e as características socio-demográficas dos/as agressores/as e das vítimas. Um segundo importante objectivo da presente investigação, o qual é inovador relativamente a estudos anteriores, é avaliar o papel da comunicação de teor homofóbico no *cyberbullying*, analisando alguns dos aspectos do *cyberbullying* de conteúdo homofóbico, nomeadamente, tipos de agressores/as e de vítimas, as tecnologias de informação e comunicação (TIC) utilizadas, e os níveis de impacto percebido em diversas áreas da vida dos/das intervenientes. Acreditamos que, através da exploração e caracterização das relações entre estes fenómenos, o presente estudo poderá contribuir para o desenvolvimento de modelos de prevenção e intervenção quer diretamente no *cyberbullying*, quer nas atitudes e comportamentos heterossexistas na adolescência.

Em termos de hipóteses gerais do estudo, tendo em conta a literatura revista acima, prevemos que os rapazes serão vítimas (H1) e agressores (H2) mais frequentes do que as raparigas dos comportamentos associados ao *cyberbullying*. Também segundo a literatura revista, os comportamentos motivados pela homofobia podem ser dirigidos não só a pessoas lésbicas ou *gays*, mas também àquelas que são percecionadas como tal (António et al., 2012). Assim, a nossa terceira hipótese (H3) defende que o *cyberbullying* com conteúdo homofóbico é dirigido mais frequentemente a pessoas percecionadas como lésbicas ou *gays* do que a pessoas não percecionadas como sendo lésbicas ou *gays*.

Prevemos, ainda, que a vitimação por *cyberbullying* com conteúdo homofóbico tenha um impacto significativo na vida dos/as sujeitos/as, nomeadamente nas esferas social, psicológica, escolar, familiar e física (H4) e que os/as perpetradores/as destes comportamentos violentos sofram também consequências nas esferas supramencionadas sendo este impacto, no entanto, menor que o das vítimas (H5).

Finalmente, confirmando os resultados de Poteat e Espelage (2005), esperamos encontrar uma relação significativa entre as frequências relativas ao *cyberbullying* e as



relativas à comunicação de teor homofóbico no ciberespaço (H6). Esperamos ainda encontrar relações entre a vitimação e a agressão de *cyberbullying*, ou seja, que as vítimas reajam agredindo também (H7).

## **2.2. Metodologia**

### **2.2.1. Participantes**

A amostra final deste estudo foi constituída por 688 jovens, 522 do sexo feminino e 166 do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 18 e os 57 anos ( $M = 22.06$ ,  $DP = 4.67$ ). Todos/as os/as participantes eram estudantes de diversas faculdades da Universidade do Porto, sendo as mais representadas, a Faculdade de Ciências ( $n = 75$ ), a Faculdade de Letras ( $n = 89$ ), a Faculdade de Medicina ( $n = 92$ ), e a Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação ( $n = 208$ ). Destes/as, 26% são estudantes de 1º ano, 19% de 2º ano, 19% de 3º ano, 16% de 4º ano, 15% de 5º ano e 5% de 6º ano. Cerca de 76% dos/das participantes são provenientes de meios urbanos, enquanto os restantes 24% são provenientes de meios rurais, tendo frequentado o ensino básico e secundário nas respectivas zonas.

### **2.2.2. Instrumento**

O questionário utilizado encontra-se dividido em três secções. A primeira secção destinava-se à apresentação do consentimento informado, onde se encontrava explicado o objetivo do estudo, o tempo estimado de resposta e algumas informações cruciais para o preenchimento do questionário (o anonimato e a confidencialidade dos dados, o direito a terminar a sua participação em qualquer momento e a ausência de qualquer gasto financeiro). A segunda secção continha 5 perguntas visando a recolha dos dados sociodemográficos dos/das participantes: sexo, idade, faculdade a que pertence, ano curricular, meio das escolas básica e secundária que frequentou. A terceira secção compreendia questões destinadas a medir a frequência de vitimação e perpetração de comportamentos de *cyberbullying* e de teor homofóbico. Para o *cyberbullying* com conteúdo homofóbico, utilizámos a *Homophobic Content Agent Target Scale* (HCATS; Poteat & Espelage, 2005), após ser realizada uma tradução livre da mesma.

Por falta de um instrumento validado para a população portuguesa que avaliasse diretamente o *cyberbullying*, elaborámos sete questões que mediam a frequência de perpetração / vitimação de comportamentos característicos do *cyberbullying* segundo a classificação de Willard (2005). Assim, era pedido aos/às respondentes que assinalassem a frequência com que tinham passado pelas seguintes experiências, durante a sua infância e/ou adolescência: (1) “Recebeu mensagens insultuosas”, (2) “Partilharam uma fotografia íntima sua”, (3) “Recebeu mensagens ordinárias”, (4) “Enviaram mensagens a colegas/amigos seus com o intuito de espalhar um boato”, (5) “Usaram dados ou fotografias suas para se fazerem passar por si”, (6) “Recebeu mensagens ameaçadoras”, (7) “Publicaram *online* um segredo seu”. Foram usadas escalas de resposta de “Nunca”, “Uma única vez”, “Ocasionalmente”, e “Frequentemente”.

Como referimos acima, para as questões sobre o *cyberbullying* com conteúdo homofóbico, utilizámos a HCATS (Poteat & Espelage, 2005). A Homophobic Content Agent Target Scale (Poteat & Espelage, 2005) é uma escala de 10 itens, dividida em 2 subescalas – Subescala de Agente e Subescala de Alvo – que permite a avaliação da frequência na qual os/as sujeitos/as utilizam conteúdo verbal homofóbico ou são alvo desse mesmo tipo de comentários nas suas interações sociais, durante a última semana. Os itens questionam se o/a participante usou (na subescala Agente) ou foi alvo (na subescala Alvo) de expressões, tais como “fufa”, “bicha/bichona”, “sapatona”, ou “paneleiro”, relativamente a, (a) um amigo, (b) alguém que não conhecia muito bem, (c) alguém de quem não gostava, (d) alguém que percecionava como sendo *gay* ou lésbica e (e) alguém que não percecionava como sendo *gay* ou lésbica. As opções de resposta a cada item são de “nunca”, “1 ou 2 vezes”, “3 ou 4 vezes”, “5 ou 6 vezes” e “7 ou mais vezes”. Para a utilização e adaptação dos itens referentes às *Agent & Target Subscales*, foi solicitado aos autores a autorização de utilização a qual foi concedida.

A HCATS foi adaptada ao nosso estudo, pedindo aos/às respondentes que pensassem em quando usaram ou foram alvo daquelas expressões homofóbicas durante a sua infância e/ou adolescência (em vez da última semana). As opções de resposta a cada item também foram mudadas para “Nunca”, “Uma única vez”, “Ocasionalmente”, e “Frequentemente”. Dado que para o presente estudo, nos interessava especialmente a utilização das TIC na comunicação homofóbica, acrescentámos questões que mediam a frequência de utilização de mensagens de texto, redes sociais, chamadas telefónicas, chats,

e e-mails para perpetrar *cyberbullying* homofóbico. Foram usadas escalas de resposta de “Nunca”, “Uma única vez”, “Ocasionalmente”, e “Frequentemente”.

Finalmente, foram apresentadas questões que mediam as percepções do impacto do *cyberbullying* sofrido ou perpetrado nas esferas psicológica, social, familiar e escolar do respondente, respondidas em escalas de “Não afetou”, “Afetou um pouco”, “Afetou muito” e “Afetou muitíssimo”.

### **2.2.3. Procedimento**

De forma a recolher o maior número de dados possível, o questionário realizado (cf. Anexo 1) foi introduzido na plataforma *online Google Forms*. De seguida, o *link* correspondente foi enviado aos/as alunos/as da Universidade do Porto, com recurso à plataforma de correio eletrónico *webmail*, com uma breve explicação do âmbito do questionário e o pedido de preenchimento no corpo de texto do e-mail. O *link* do questionário foi ainda publicado na rede social *Facebook*, de forma a divulgar mais amplamente o questionário. Assim, a amostra assume-se como sendo de conveniência não probabilística, uma vez que qualquer pessoa disponível e presente no meio em que os dados foram recolhidos poderia responder ao questionário.

Uma vez que o contexto da investigação foi *online*, o consentimento informado foi integrado no questionário, informando inclusive que a participação no estudo era voluntária, não trazendo qualquer custo ou prejuízo para o/a participante, e que todas as respostas permaneceriam anónimas. Todos os esclarecimentos foram prestados através da plataforma *webmail*.

### **2.2.4. Método de análise de dados**

Para a análise dos dados obtidos, utilizou-se o programa IBM SPSS *Statistics* (*Statistical Package for Social Sciences*), versão 24. Recorreu-se a análises descritivas, ao teste do *Qui-Quadrado*, testes *t*, teste de Wilcoxon e teste de *Mann-Whitney*. A tabela de referência cruzada, utilizada com variáveis do tipo nominal, agrupa os resultados em conjuntos de valores, utilizando a frequência dos mesmos nas células intersectadas. O teste do *Qui-Quadrado* examina a associação entre as duas variáveis em causa. Os testes *t* são utilizados para a comparação de médias entre dois grupos. Nesta investigação, foram

utilizados testes  $t$  para uma amostra, para amostras independentes e para amostras emparelhadas. O teste de Wilcoxon é uma alternativa não-paramétrica ao teste  $t$  para amostra emparelhadas. O teste  $U$  de Man-Whitney é um teste não paramétrico que averigua a diferença entre as medianas de duas amostras independentes, permitindo a comparação entre dois grupos nos níveis de uma variável ordinal. Este procedimento opera através da ordenação de valores e não através dos próprios valores e não tem como requisito a distribuição normal da variável dependente (Martins, 2011).

## **2.3. Resultados**

Dado que a presente investigação tinha como objectivo analisar o fenómeno do *cyberbullying*, e este, por definição, envolve a repetição das agressões, interessava-nos essencialmente os participantes que registaram ter sido vítimas frequentes destes comportamentos. Começámos pois por analisar as frequências de vitimação de *cyberbullying*, para partir destas, identificar as vítimas frequentes de *cyberbullying*. Contudo, estávamos também interessados em analisar as agressões ocasionais, de forma a ter uma estimativa da prevalência do *cyberbullying* na população de jovens, mesmo nas suas formas mais moderadas. Assim, apresentamos sempre os resultados da amostra total, lado a lado, com os da subamostra de vítimas frequentes, quanto aos tipos de agressores em *bullying* homofóbico, quanto aos meios TIC utilizados por estes, assim como, quanto ao impacto percebido destes comportamentos nas diversas esferas da vida dos participantes. Finalmente, apresentamos da mesma maneira comparativa, os resultados relativos à perpetração de comportamentos de *cyberbullying* e homofóbico. Pudemos, assim, traçar um perfil vitimológico das vítimas frequentes de *cyberbullying* e apresentar uma estimativa da prevalência dos vários aspectos na população estudada.

### **2.3.1. Vitimação de *cyberbullying***

O Quadro 1 mostra que quase metade dos inquiridos recebeu pelo menos uma mensagem insultuosa (49%), ou uma mensagem ordinária (44%), e que cerca de 1/3 (34%) foi pelo menos uma vez vítima de um boato difamador difundido através de um meio

tecnológico. Para testar as diferenças entre respondentes dos dois sexos, efectuámos o teste U de Mann-Whitney nestes 3 tipos de comportamento mais frequentes, não tendo obtido diferenças significativas em qualquer um dos casos.

Quadro 1. Percentagem cumulativa de respondentes que registaram terem sido vítimas de comportamentos de *cyberbullying*.

| Comportamentos   | Pelo menos<br>1 vez | Frequentemente |
|--|---------------------|----------------|
| Receção de mensagens insultuosas   | 49                  | 2              |
| Partilha de uma fotografia íntima da vítima                                      | 3                   | 0.3            |
| Receção de mensagens ordinárias  | 44                  | 3              |
| Envio de mensagens a colegas/amigos da vítima com o intuito de espalhar um boato | 34                  | 3              |
| Uso de dados ou fotografias da vítima para se fazer passar pela mesma            | 9                   | 1              |
| Receção de mensagens ameaçadoras   | 27                  | 1              |
| Publicação <i>online</i> de um segredo da vítima                                 | 5                   | 0.3            |

**Subamostra de vítimas frequentes de *cyberbullying*.** A coluna da direita do Quadro 1 apresenta a percentagem de participantes que registaram terem sido frequentemente alvos de cada um dos tipos de comportamentos. Destacamos 4% da amostra (23 sujeitos) que registaram terem sido frequentemente alvos de mensagens ordinárias e 3% (19 sujeitos) vítimas frequentes de boatos disseminados através das TIC.

Tendo em conta o critério do *cyberbullying*, acima referido, de repetição frequente da agressão, considerámos como vítimas frequentes de *cyberbullying* os 44 participantes (na coluna da direita do Quadro 1) que registaram terem sido frequentemente alvos de pelo menos um dos tipos de agressões, correspondendo a 6.4% da amostra total. Estes participantes têm idades compreendidas entre os 18 e os 37 anos ( $M = 21.86$ ,  $DP = 2.59$ ), e 28 são do sexo feminino e 16 do sexo masculino. As 28 raparigas da subamostra correspondem a 5.6% da amostra total feminina, e os 16 rapazes correspondem a 9.6% da amostra total masculina, confirmando assim a nossa hipótese H1, segundo a qual os rapazes são em geral mais vítimas de *cyberbullying* que as raparigas,  $\chi^2 = 3.84$ ,  $p = .05$ .

Em termos de zona rural vs. urbana das escolas básica e secundária dos participantes incluídos na subamostra, não se verificaram diferenças significativas,  $\chi^2 < 1$ .

Nas análises seguintes, compararemos as características da amostra total com as desta subamostra de vítimas frequentes de forma a identificar o seu perfil vitimológico.

**Tipos de agressão.** Dado que os participantes podem ter sido alvo de vários tipos de agressões, no Quadro 2 apresentamos as frequências e percentagens de respostas segundo o número de tipos de agressões sofrida e que varia entre 0 (Nenhum dos tipos) e 7 (Todos os tipos). Na amostra total, cerca de 1/3 (33%) registaram nunca terem sido alvos de qualquer tipo de comportamento de *cyberbullying*, e cerca de 1/3 (34.1%) registou ter sido alvo de um ou dois tipos. Na subamostra de vítimas frequentes, o padrão é inverso. Apenas 18.2% sofreu um ou dois tipos de agressão; a grande maioria dos respondentes (81.8%) foi vítima de 3 ou mais tipos diferentes de agressões. Os tipos mais frequentes de agressão nesta subamostra foram: as mensagens ordinárias (52.3% da subamostra), e o espalhar de um boato sobre a vítima (43.2%).

Quadro 2. Frequências e percentagens da vitimação de *cyberbullying* por número de tipos de agressão na amostra total e na subamostra de vítimas frequentes.

|                    |          | Número de tipos de comportamento |     |     |     |    |    |    |   | Total |
|--------------------|----------|----------------------------------|-----|-----|-----|----|----|----|---|-------|
|                    |          | 0                                | 1   | 2   | 3   | 4  | 5  | 6  | 7 |       |
| Amostra total      | <i>f</i> | 227                              | 122 | 113 | 122 | 71 | 20 | 10 | 3 | 688   |
|                    | %        | 33                               | 18  | 16  | 18  | 10 | 3  | 2  | 0 | 100.0 |
| Vítimas Frequentes | <i>f</i> | -                                | 4   | 4   | 10  | 11 | 8  | 4  | 3 | 44    |
|                    | %        | -                                | 9   | 9   | 23  | 25 | 18 | 9  | 7 | 100.0 |

### 2.3.2. Vitimação de *cyberbullying* homofóbico

**Agentes da agressão.** Quanto ao *bullying* homofóbico (Escala HCATS), o Quadro 3 mostra que os agressores mais comuns, seja na amostra total, seja na subamostra de vítimas, são amigos da vítima. Seguem-se os agressores que a vítima não conhecia muito bem ou que não gostavam dela.

Quadro 3. Percentagens cumulativas de recepção de comunicação homofóbica (pelo menos 1 x) e *bullying* homofóbico (frequentemente) em função do tipo de agressor na amostra total ( $n = 688$ ) e na subamostra de vítimas frequentes de CB ( $n = 44$ ).

| Alvo  | Amostra total    |                | Vítimas Frequentes |                |
|---|------------------|----------------|--------------------|----------------|
|   | Pelo menos 1 vez | Frequentemente | Pelo menos 1 vez   | Frequentemente |
| Amigo   | 34               | 15             | 59                 | 34             |
| Alguém que não conhecia muito bem                   | 23               | 5              | 43                 | 21             |
| Alguém de quem não gostava                          | 23               | 7              | 48                 | 27             |
| Alguém que achava que era <i>gay</i> ou lésbica     | 16               | 4              | 39                 | 23             |
| Alguém que não achava que era <i>gay</i> ou lésbica | 21               | 7              | 41                 | 25             |

Como se pode constatar, o grupo de vítimas frequentes de *cyberbullying*, registaram valores muito mais elevados do que a amostra total na recepção de comunicação de teor homofóbico, quer ocasionalmente (“Pelo menos 1 vez”), quer nos seus níveis mais extremos (“Frequentemente”), sugerindo a existência de uma forte relação entre o *cyberbullying* e as atitudes homofóbicas, e confirmando a nossa hipótese H6. Podemos ver que quase metade das vítimas frequentes de *cyberbullying* receberam, pelo menos uma vez, comunicações de tipo homofóbico e cerca de um quarto foram vítimas frequentes de agressões de teor homofóbico de pessoas desconhecidas, de quem não gostavam.

A percentagem de respondentes que registou que pensava que o agressor era *gay* lésbica é mais baixa do que a percentagem dos que registou que não pensava que o agressor fosse *gay* lésbica,  $Z$  de Wilcoxon = 3.98,  $p < .001$ . Na subamostra de vítimas frequentes, não se verificaram diferenças entre as percentagens das duas respostas,  $Z$  de Wilcoxon < 1.

**Meios TIC utilizados.** Quanto aos meios utilizados para levar a cabo a comunicação / *bullying* homofóbicos, no Quadro 4 é possível constatar que os *chats* e as mensagens de texto são os meios mais usuais para a perpetuação destes comportamentos, enquanto os e-mails são muito pouco utilizados, embora no grupo de vítimas frequentes atinjam os 19%. De facto, podemos constatar que quase metade destes participantes

registou terem sido agredidos através destes meios. Note-se que devido a um erro da plataforma *Google Forms*, houve 11% de respostas omissas nestes itens.

Quadro 4. Percentagens válidas de utilização dos diversos meios de TIC para a comunicação homofóbica, na amostra total (válidos,  $n = 612$ ) e para a subamostra de vítimas frequentes de CB ( $n = 44$ ).

| Meio TIC             | Amostra total | Vítimas Frequentes |
|----------------------|---------------|--------------------|
| Mensagens de texto   | 15            | 45                 |
| Redes Sociais        | 13            | 43                 |
| Chamadas Telefónicas | 12            | 36                 |
| <i>Chats</i>         | 17            | 46                 |
| <i>E-mails</i>       | 3             | 19                 |

**Impacto percebido da vitimação.** Finalmente, analisámos o impacto percebido da experiência de vitimação homofóbica em diversas esferas da vida dos sujeitos, nomeadamente nas esferas familiar, escolar, social e psicológica (Quadro 5). Note-se que, mais uma vez, devido a um erro da plataforma *Google Forms*, verificou-se um número elevado de respostas omissas nestes itens (cerca de 45%).

Quadro 5. Percentagens cumulativas de respondentes, na amostra total ( $n = 375$ ) e na subamostra de vítimas frequentes ( $n = 31$ ), que registaram terem sido afetados, pelo menos um pouco (Afetou), e muito ou muitíssimo (Afetou muito) pelas ocorrências de carácter homofóbico.

| Esfera      | Amostra total |              | Vítimas Frequentes |              |
|-------------|---------------|--------------|--------------------|--------------|
|             | Afetou        | Afetou muito | Afetou             | Afetou muito |
| Familiar    | 12            | 5            | 26                 | 19           |
| Escolar     | 23            | 8            | 50                 | 25           |
| Social      | 30            | 11           | 61                 | 36           |
| Psicológica | 30            | 13           | 52                 | 43           |

Verificaram-se diferenças significativas entre o grupo identificado como vítimas frequentes e o resto da amostra,  $U = 4455$ ,  $p = .008$ ;  $U = 3702$ ,  $p < .001$ ;  $U = 3219.50$ ,  $p < .001$ ;  $U = 3665$ ,  $p < .001$  para as esferas familiar, escolar, social e psicológica,



respectivamente. Observou-se, assim, que o impacto sentido pelas vítimas frequentes foi superior. Podemos verificar que o impacto mais intenso da vitimação foi nas esferas psicológica e social, tendo cerca de 30% dos respondentes (válidos para esta questão), admitido terem sido afectados nestas áreas. A esfera familiar parece ter sido menos afetada – apenas 12.7% admitiram esse impacto do *cyberbullying*. Já na subamostra de vítimas frequentes, estas percentagens duplicam e a percentagem de participantes que registaram terem sido muito ou muitíssimo afectados, mais que triplica da amostra total para o grupo de vítimas frequentes em quase todas as áreas. Por exemplo, 43% registaram terem sido muito ou muitíssimo afetados na esfera psicológica e 35.5% na esfera social. Contudo, as esferas familiar e escolar, também foram consideradas afetadas por uma grande parte da subamostra.

### **2.3.3. Perpetração de *cyberbullying***

Quanto à perpetração de *cyberbullying*, o Quadro 6 mostra que os comportamentos mais frequentes na amostra foram o envio de mensagens insultuosas e de mensagens ordinárias. Contudo, verifica-se que o número de respondentes que registaram terem perpetrado algum tipo de agressão é globalmente bastante menor que os que registaram terem sofrido as mesmas (ver Quadro 1). Por exemplo, apenas 21% perpetradores/as contra 48.8% de vítimas nas mensagens insultuosas, e 15% de perpetradores/as contra 44% de vítimas nas mensagens ordinárias.

Para testar as diferenças entre respondentes dos dois sexos na perpetração de *cyberbullying*, efectuámos o teste U de Mann-Whitney nos 2 tipos de comportamento mais frequentes, tendo obtido diferenças significativas em qualquer dos casos, na amostra total. É mais frequente o envio de mensagens insultuosas  $U = 39755.50$ ,  $p = 0.023$ ; mensagens ordinárias,  $U = 37334.00$ ,  $p < 0.001$ ; mensagens ameaçadoras,  $U=40489$ ,  $p = 0.012$ ; e a difusão um boato,  $U= 40625$ ,  $p = 0.008$ , por parte dos rapazes, comparativamente às raparigas.

Dada a menor frequência geral de comportamentos perpetrados, é compreensível que tenhamos identificado apenas 10 participantes que reportaram terem sido perpetradores/as frequentes de pelo menos um tipo de *cyberbullying*, correspondendo a 2% da amostra total. Destes 10 *cyberbullies*, 8 eram rapazes e 2 eram raparigas, confirmando-se assim a nossa hipótese H2 segundo a qual os agressores são mais do sexo masculino do

que feminino,  $\chi^2 = 17.30$ ,  $p < 0.001$ . Como veremos já de seguida, os 10 *cyberbullies* identificados, maioritariamente, registaram também terem sido vítimas de *cyberbullying*.

Quadro 6. Percentagem cumulativa das frequências de perpetração de comportamentos de *cyberbullying* por parte das vítimas.

| Comportamentos  | Amostra total    |                | Vítimas frequentes |                | Agressores frequentes |                |
|---|------------------|----------------|--------------------|----------------|-----------------------|----------------|
|   | Pelo menos 1 vez | Frequentemente | Pelo menos 1 vez   | Frequentemente | Pelo menos 1 vez      | Frequentemente |
| Envio de mensagens insultuosas  | 21               | 1              | 59                 | 7              | 90                    | 50             |
| Partilha de uma fotografia íntima de outrem   | 3                | 0              | 16                 | 7              | 30                    | 30             |
| Envio de mensagens ordinárias   | 15               | 1              | 48                 | 9              | 80                    | 60             |
| Envio de mensagens a colegas/amigos com o intuito de espalhar um boato acerca de outrem | 8                | 0              | 30                 | 2              | 40                    | 10             |
| Uso de dados ou fotografias de outra pessoa para se fazerem passar pela mesma           | 5                | 0              | 5                  | 2              | 10                    | 10             |
| Envio de mensagens ameaçadoras  | 9                | 0              | 25                 | 2              | 60                    | 10             |
| Publicação <i>online</i> de um segredo de outrem  | 4                | 0              | 9                  | 2              | 50                    | 10             |

Na subamostra de vítimas frequentes, as percentagens dos perpetradores/as triplica em relação à amostra total, sugerindo que as vítimas frequentes tomavam o papel do/da agressor/a para reciprocamente o *cyberbullying* de que eram alvo. Contudo, 11 (25% da subamostra) registaram não ter perpetrado/a qualquer tipo de agressão, nem mesmo ocasionalmente (ver Quadro 7). Quando consideramos apenas os/as agressores frequentes/as, os/as *cyberbullies*, encontramos apenas 6 (4 rapazes e 2 raparigas), ou seja, algumas das vítimas frequentes de *cyberbullying* foram elas próprias *cyberbullies* relativamente a outras pessoas.

**Tipos de agressão.** Os dados do Quadro 7 confirmam estes resultados e especificam que apenas 25% da subamostra de vítimas frequentes nunca perpetrou ciberagressões. Já na amostra total, são 66% os que reportam nunca ter usado as TIC para agredir os seus pares.

Quadro 7. Frequências e percentagens da perpetração de *cyberbullying* por número de tipos de agressão na amostra total e na subamostra de vítimas frequentes.

|                       |          | Nº de tipos de comportamento |     |    |    |    |    |   |    | Total |
|-----------------------|----------|------------------------------|-----|----|----|----|----|---|----|-------|
|                       |          | 0                            | 1   | 2  | 3  | 4  | 5  | 6 | 7  |       |
| Amostra total         | <i>f</i> | 453                          | 116 | 65 | 32 | 13 | 7  | 1 | 1  | 688   |
|                       | %        | 66                           | 17  | 9  | 5  | 2  | 1  | 0 | 0  | 100   |
| Vítimas frequentes    | <i>f</i> | 11                           | 7   | 11 | 10 | 2  | 2  | 0 | 1  | 44    |
|                       | %        | 25                           | 16  | 25 | 23 | 5  | 5  | 0 | 2  | 100   |
| Agressores frequentes | <i>f</i> | 0                            | 0   | 3  | 2  | 3  | 1  | 0 | 1  | 10    |
|                       | %        | 0                            | 0   | 30 | 20 | 30 | 10 | 0 | 10 | 100   |

### 2.3.4. Perpetração de *cyberbullying* homofóbico

**Alvos da agressão.** No Quadro 8, é possível verificar que novamente o alvo mais comum do *bullying* homofóbico é um amigo – quase metade dos/das participantes (49%) registaram ter usados expressões homofóbicas na comunicação com amigos, sendo que 39% destes/as últimos/as dizem tê-lo feito frequentemente. Mais de ¼ (26%) confessa ter usado essas expressões, pelo menos uma vez, com colegas que julgavam serem *gays* ou lésbicas, mas apenas 2% o fizeram frequentemente. Na subamostra de agressores/as frequentes, estas percentagens quase duplicam, especialmente, quando os alvos eram amigos – 90%.

Quadro 8. Percentagens cumulativas de participantes que registaram terem usado pelo menos uma vez e usado frequentemente expressões homofóbicas em função do tipo de alvo na amostra total ( $n = 688$ ) e na subamostra de agressores frequentes de *cyberbullying* ( $n = 10$ ).

| Alvo  | Amostra total    |                | Agressores Frequentes |                |
|-------|------------------|----------------|-----------------------|----------------|
|       | Pelo menos 1 vez | Frequentemente | Pelo menos 1 vez      | Frequentemente |
| Amigo | 37               | 11             | 90                    | 70             |

|   |    |   |    |    |
|---|----|---|----|----|
| Alguém que não conhecia muito bem                   | 21 | 1 | 70 | 10 |
| Alguém de quem não gostava                          | 22 | 2 | 80 | 50 |
| Alguém que achava que era <i>gay</i> ou lésbica     | 24 | 3 | 70 | 30 |
| Alguém que não achava que era <i>gay</i> ou lésbica | 18 | 4 | 70 | 20 |

A percentagem de respondentes que registou que pensava que o alvo dos seus comportamentos era *gay* não difere significativamente da percentagem dos que registou que não pensava que o agressor fosse *gay* ou lésbica,  $Z$  de Wilcoxon = -0.756-,  $p = 0.450$ . Na subamostra de vítimas frequentes, também não foram encontradas diferenças entre as percentagens das duas respostas,  $Z$  de Wilcoxon = -0.707-,  $p = 0.480$ .

**Meios TIC utilizados.** Quanto aos meios TIC utilizados por estes participantes para o *bullying* homofóbico (Quadro 9), verifica-se que os mais frequentes são novamente as mensagens de texto e os *chats*, e, no grupo de vítimas frequentes, também as redes sociais. Mais de metade dos agressores frequentes (80%) usaram mensagens de texto e *chats* para transmitirem expressões homofóbicas. Note-se que, devido a um erro da plataforma *Google Forms*, houve 16% de respostas omissas neste item.

Quadro 9. Percentagens válidas de utilização dos diversos meios de TIC para a emissão de comunicação homofóbica, na amostra total (válidos,  $n = 575$ ) e para a subamostra de agressores frequentes ( $n = 10$ ).

| Meio TIC             | Amostra total | Agressores frequentes |
|----------------------|---------------|-----------------------|
| Mensagens de texto   | 19            | 80                    |
| Redes Sociais        | 12            | 60                    |
| Chamadas Telefónicas | 11            | 60                    |
| <i>Chats</i>         | 18            | 80                    |
| <i>E-mails</i>       | 1             | 20                    |

**Impacto percebido da agressão.** Analisando o impacto causado pelos comportamentos adotados associados ao *cyberbullying*, não se verificaram diferenças significativas entre o grupo identificado como agressores/as frequentes e a restante amostra, excetuando para a

esfera escolar,  $U = 1735$ ,  $p = 0.032$ . Neste caso, o impacto foi superior no caso dos/das agressores/as frequentes. Como se pode constatar no Quadro 10, a percentagem de respondentes que registaram terem sido afetados/as é bastante mais baixa do que no caso da vitimação (cf. Quadro 5). Os maiores impactos foram registados também nas esferas escolar e psicológica com 30% de respondentes em ambas, respectivamente, a afirmar terem sido afectados pelas suas próprias agressões, contra 30%, no caso da vitimação (cf. Quadro 5). Confirma-se assim a nossa hipótese H5, de que o *cyberbullying* tem um impacto menor na vida dos agressores do que na das vítimas,  $Z$  de Wilcoxon = 5.25,  $p < .001$ ;  $Z$  de Wilcoxon = 5.79,  $p < .001$ ;  $Z$  de Wilcoxon = 5.04,  $p < .001$ ;  $Z$  de Wilcoxon = 3.25,  $p = .001$  para as esferas psicológica, social, escolar e familiar, respectivamente.

Quadro 10. Percentagens cumulativas válidas de respondentes, na amostra total ( $n = 453$ ) e na subamostra de agressores frequentes ( $n = 37$ ), que registaram terem sido afetados, pelo menos um pouco (Afetou), e muito ou muito (Afetou muito) pelas suas comunicações de carácter homofóbico.

| Esfera      | Amostra total |              | Agressores Frequentes |              | Vítimas Frequentes |              |
|-------------|---------------|--------------|-----------------------|--------------|--------------------|--------------|
|             | Afetou        | Afetou Muito | Afetou                | Afetou muito | Afetou             | Afetou muito |
| Familiar    | 5             | 2            | 0                     | 0            | 8                  | 5            |
| Escolar     | 8             | 3            | 30                    | 30           | 22                 | 5            |
| Social      | 10            | 4            | 20                    | 20           | 24                 | 8            |
| Psicológica | 11            | 6            | 30                    | 10           | 24                 | 8            |

As frequências aumentam um pouco na subamostra de vítimas frequentes mas não tanto como no caso da vitimação (cf. Quadro 5) – apenas 8%, contra 43%, reportou ter sido muito ou muito afetado psicologicamente por ter perpetrado e sofrido *cyberbullying*, respectivamente. É importante referir que, novamente, devido a um erro da plataforma *Google Forms*, verificou-se um número elevado de respostas omissas neste item (34.3%).

#### 2.2.5. Diferenças relativamente ao meio da escola básica e secundária

Além das diferenças de género, pretendeu-se averiguar se existiriam diferenças ao nível de todas as variáveis entre estudantes que frequentaram a(s) escola primária e/ou secundária em meio rural e aqueles/as que a(s) frequentaram em meio urbano.

Relativamente aos diferentes tipos de agressão, apenas foram observadas diferenças significativas ao nível do envio de mensagens insultuosas por parte dos/das agressores/as,  $U = 4304$ ,  $p = 0.049$ , sendo este comportamento mais recorrente no meio urbano. Não foram apuradas quaisquer diferenças significativas quanto às variáveis relativas aos diferentes alvos destes comportamentos e ao impacto dos mesmos na vida dos/as estudantes.

Quanto aos meios utilizados pelos/as estudantes, segundo a perspectiva das vítimas, verificou-se diferenças significativas ao nível do uso do e-mail, teste exato de Fisher,  $p = 0.048$ . Na perspetiva dos/as agressores/as, observaram-se diferenças significativas ao nível do uso de mensagens de texto,  $\chi^2 = 4,676$ ,  $p = 0.044$ . Em ambos os casos, constatou-se uma maior prevalência no meio urbano.

### 3. DISCUSSÃO

Esta investigação propôs-se a estudar e caracterizar o *cyberbullying* de teor homofóbico entre estudantes universitários/as, retrospectivamente. Para tal, foram avaliadas as frequências de comportamentos associados, a relação dos/as participantes com os/as agressores/as e com os alvos destes comportamentos, os meios utilizados para realizar as agressões e o impacto destas experiências em diversas esferas da vida dos/das sujeitos/as. À semelhança do questionário, a análise dos dados foi dividida em duas secções: a primeira atentou às perguntas referentes à vitimação, enquanto a segunda se focou nos itens relativos à agressão. Neste sentido, também se procedeu à criação de duas subamostras constituídas pelos/as estudantes considerados/as vítimas e/ou agressores/as frequentes na sua infância e/ou adolescência. Além de testar as 5 hipóteses propostas, procurou-se perceber se existem diferenças relativas ao género e ao meio em que as suas escolas básicas e secundárias se localizam.

Analisando os grupos de vítimas e de agressores/as, verificamos que 2% e 6% dos/as estudantes da nossa amostra são, respetivamente, agressores/as e vítimas. Estas percentagens são inferiores às citadas por Coelho e colaboradores (2016), que conclui que 6% e 11% dos/as participantes no seu estudo eram, respetivamente, agressores/as e vítimas. Por sua vez, num estudo que visava o desenvolvimento e a análise das qualidades psicométricas da Escala de *Bullying* Homofóbico, Prati (2012) obteve uma percentagem muito superior à obtida por esta investigação relativamente ao número de agressores/as (39%) e de vítimas (13%). Esta discrepância de valores pode dever-se ao critério utilizado (baseado em aspetos como a frequência dos comportamentos) para definir quem seriam os agressores e as vítimas.

Para estudar e especular acerca dos resultados obtidos, é importante ter em conta resultados de estudos prévios sobre o tema. Neste sentido, torna-se importante referir que, devido à dificuldade em encontrar estudos acerca da temática em questão, os resultados do presente estudo foram comparados a investigações relativas aos fenómenos *cyberbullying* (por si só) e *bullying* com conteúdo homofóbico.

A nossa primeira hipótese, que defende que o sexo masculino constitui o grupo de vítimas mais frequente de comportamentos associados ao *cyberbullying* com conteúdo

homofóbico, foi verificada. Desta forma, os resultados verificados nesta investigação dão suporte aos resultados de diversos estudos acerca de *bullying* homofóbico (António et al., 2012; Russel et al., 2011) que afirmam ser os rapazes o alvo mais frequente desta conduta agressiva. Não obstante, o que verificamos não se coaduna com resultados obtidos por outras investigações, tais como a de Hinduja e Patchin (2011), que aferiram que eram as raparigas não-heterossexuais o grupo mais frequente de vítimas; a de Coelho, Sousa, Marchante, Brás e Romão (2016), que verificaram que as raparigas eram o grupo mais frequente de vitimação por *cyberbullying*; e a de Schäfer e colaboradores (2004) que, tendo-se centrado no *bullying* em escolas de segundo e terceiro ciclo, demonstraram que, tendo em conta os/as indivíduos/as que foram vítimas na escola secundária e/ou tanto na escola secundária como na primária, o número de raparigas é quase o dobro, comparativamente com o número de rapazes.

Relativamente aos agressores neste fenómeno, Coelho e colaboradores (2016) verificaram que o sexo masculino formava o grupo de agressores mais frequentes. Por sua vez, Poteat e Espelage (2005), num estudo acerca da relação entre o *bullying* tradicional e conteúdo verbal homofóbico, constataram que os participantes do género masculino direccionavam comentários com conteúdo homofóbico a outros/as estudantes com maior frequência do que as participantes do género feminino. Prati (2012) também conclui, no seu estudo, que os estudantes do género masculino perpetravam mais atos agressivos de teor homofóbico, comparativamente às estudantes do género feminino. Neste sentido, a nossa segunda hipótese declarava que o sexo masculino é o grupo de agressores mais frequentes relativamente aos comportamentos supracitados. Assim, após a análise das respostas dadas pelos/as nossos/as participantes, verificamos que esta hipótese foi confirmada, pelo que os nossos resultados vão de encontro ao que é citado na literatura.

A homofobia constitui um ódio generalizado direccionado aos/às sujeitos/as homossexuais e a todos/as aqueles/as que são percebidos/as como tal (Dantas & Neto, 2015). Foi através deste pressuposto que surgiu a nossa terceira hipótese, que afirma que o *cyberbullying* com conteúdo homofóbico foi mais frequentemente dirigido a pessoas percecionadas como lésbicas ou *gays* do que a pessoas percecionadas como não sendo lésbicas ou *gays*. Após o seu teste, verificamos que esta hipótese não foi confirmada, havendo uma ausência de diferenças significativas entre os dois grupos. Tal resultado surge contrariamente aos resultados encontrados por Wiederhold (2014) na sua investigação, na qual foi constatado que os/as jovens que se identificam como não



heterossexuais ou que questionam a sua identidade sexual são, talvez, o grupo mais afetado pelo *cyberbullying*. Também o estudo de António e colaboradores (2012) obteve resultados opostos aos desta investigação, observando que a maioria dos/as estudantes já presenciou episódios de violência direcionados a jovens que são ou que se pensa que possam ser lésbicas ou *gays*. Por sua vez, Hinduja e Patchin (2011) apuraram que o número de estudantes não heterossexuais que afirmaram ter sido vítimas era aproximadamente o dobro, comparativamente aos/as estudantes heterossexuais.

Por outro lado, Poteat e Espelage (2005), apesar de terem obtido resultados que suportam a ideia de que os/as indivíduos/as percebidos/as como sendo *gays* ou lésbicas são o grupo de alvos mais frequentes, observaram também que os insultos homofóbicos não são direcionados exclusivamente à população homossexual. Além disso, Rodrigues e colaboradores (2016), num estudo realizado com 171 sujeitos/as que afirmaram ter passado por uma experiência de vitimação por *bullying* homofóbico, verificou-se que ter uma orientação sexual não normativa não constituiu um fator de risco para a ocorrência de experiências de vitimação.

Os resultados acima referidos podem, ainda, ser efeito da desejabilidade social. Além disso, o facto dos itens correspondentes serem avaliados através de uma escala de número par impossibilita a demonstração de uma ausência de opinião por parte dos participantes. Assim, os estudantes podem ter evitado responder que dirigiam condutas agressivas a pessoas percecionadas como sendo lésbicas ou *gays*, de forma a evitarem ser vistos como homofóbicos e intolerantes.

Diversos estudos abordam as consequências que o *bullying* e, mais especificamente, *cyberbullying* com teor homofóbico trazem para os seus intervenientes. Dor emocional e psicológica, baixa autoestima, níveis elevados de ansiedade, decréscimo da participação escolar, insucesso escolar e tentativa de suicídio são algumas das consequências abordadas na literatura (Hinduja & Patchin, 2011; Walker, 2015). No estudo de Cooper e Blumenfeld (2012), os/as participantes LGBT reportaram sentirem-se deprimidos devido à cibervitimação, ter apresentado má imagem corporal, ter-se isolado dos seus amigos, ter-se isolado da família, ter medo de ir à escola e ter tido ideações suicidas pelo mesmo motivo. Por sua vez, Toomey e colaboradores (2010) afirmam a existência de uma associação entre os níveis de conformidade de género e a vitimação escolar de adolescentes LGBT, e níveis superiores de depressão e menor satisfação com a vida em jovens adultos. Neste seguimento, a nossa quarta hipótese afirma que a vitimação

através do *cyberbullying* com conteúdo homofóbico tem impacto na vida dos sujeitos, nomeadamente nas esferas social, psicológica, escolar, familiar e física. Analisando os dados relativamente à vitimação, foi possível verificar a existência de impacto nas diversas esferas, com maior intensidade nas esferas psicológica e social, pelo que a nossa hipótese foi confirmada.

Matos e colaboradores (2010) reconhecem a existência de um grande impacto físico, psicológico e emocional em todos/as os/as indivíduos/as envolvidos no *cyberbullying* com conteúdo homofóbico. Assim, a nossa quinta hipótese defende que os perpetradores destes comportamentos violentos também são afetados por esta experiência, ainda que numa escala menor relativamente às vítimas. Esta última foi confirmada, após a análise dos dados.

O presente estudo foi igualmente capaz de apontar uma relação significativa entre as frequências relativas ao *cyberbullying* e as relativas à comunicação de teor homofóbico no ciberespaço. Este resultado é suportado pela investigação de Poteat e Espelage (2005). Ademais, os resultados da nossa investigação sugerem a existência de uma relação entre a vitimação e a agressão de *cyberbullying*, ou seja, que as vítimas reagem agredindo. Na sua investigação em 2008, Poteat observou que ser alvo de epítetos homofóbicos tem um efeito preditor mais forte relativamente ao uso destes últimos, quando o clima do grupo de pares do sujeito é mais homofóbico. Assim, este resultado pode encontrar-se em concordância com o da presente investigação, ainda que os/as investigadores/as não tenham controlado o ambiente do grupo de pares.

Nesta investigação, pretendeu-se verificar se existiriam diferenças significativas entre os/as estudantes provenientes de escolas situadas no meio rural e os/as participantes que frequentaram escolas localizadas no meio urbano. Observou-se a ausência de diferenças significativas em praticamente todas as variáveis, com a exceção do envio de mensagens insultuosas, da frequência do uso do e-mail com o objetivo de agredir, segundo as vítimas, e da frequência da utilização de mensagens de texto por parte dos agressores. Em todas estas variáveis, verificou-se uma prevalência superior no meio urbano.

A ausência de diferenças significativas na maioria das variáveis testadas suporta os resultados obtidos por alguns estudos (Mayer & Khol, 2014; Pereira et al., 2004). A evolução das tecnologias de informação e comunicação pode ser um fator explicativo destes resultados, uma vez que a discrepância tecnológica entre as zonas rurais e urbanas é

cada vez menos acentuada. Desta forma, tornou-se possível, em qualquer um dos meios, a utilização do ciberespaço e, conseqüentemente, o usufruto dos seus benefícios e malefícios.

O objetivo desta investigação prendeu-se com a caracterização de experiências ligadas ao *cyberbullying* de teor homofóbico que tivessem tido lugar aquando a passagem dos/as participantes pela escola básica ou secundária. Assim, este estudo caracteriza-se como sendo retrospectivo, uma vez que os resultados derivam das memórias de cada participante. Enquanto alguns estudos duvidam da fiabilidade dos resultados provenientes de estudos retrospectivos, Brewin, Andrews e Gotbield (1993) afirmam que a alegada falta de fiabilidade dos relatos autobiográficos é sobrestimada e que a maior parte dos/das adultos/as é capaz de relatar com precisão acontecimentos da sua infância. Os resultados obtidos por Olweus (1993; *cit. in* Rivers, 2001) vão de encontro aos factos supracitados, demonstrando que a precisão das recordações destes eventos negativos em particular não é afetada pela passagem do tempo. O autor concluiu que os/as seus/suas participantes conseguiam ter estimativas precisas acerca da severidade dos comportamentos associados ao *bullying*, sete anos depois destes terem acontecido. Concomitantemente, Rubin (2002) reporta dados que suportam a fiabilidade dos dados de estudos retrospectivos como o presente, demonstrando, pela sua revisão de literatura, que as recordações de eventos que ocorreram nas segunda e terceira décadas de vida têm uma maior probabilidade de serem recordados com maior precisão, comparativamente a eventos que ocorram fora desse período. Por sua vez, Rivers (2001) verificou que os/as participantes da sua investigação eram capazes não só de recordar eventos chave das suas vidas, 12 a 14 meses depois de estes terem acontecido; como conseguiam localizá-los numa cronologia. Ademais, observou-se que os/as indivíduos/as conseguiram recordar tipos específicos de *bullying*, sendo o tipo indireto aquele que mais dificuldade tiveram em recordar com precisão.

#### 4. CONCLUSÕES

Esta investigação visou explorar e caracterizar o fenómeno do *cyberbullying* com conteúdo homofóbico. Verificou-se a existência de 44 vítimas e 10 agressores/as na nossa amostra, sendo que foi possível afirmar que o género masculino é o género predominante, quer no caso das vítimas, caso no grupo dos/as agressores/as. Ademais, o estudo permitiu-nos afirmar que os/as estudantes percecionados/as como lésbicas ou *gays* não são um alvo mais frequente do que os/as estudantes não percecionados/as como lésbicas ou *gays*. Concluímos, ainda, que a experiência tanto de vitimação como de agressão impactou nenhuma esfera da vida dos nossos participantes, ainda que com uma intensidade menor no caso dos perpetradores. Observou-se, ainda, a existência uma relação significativa entre as frequências relativas ao *cyberbullying* e à comunicação de teor homofóbico no ciberespaço. Os resultados do presente estudo apontam também para uma relação entre a vitimação e a agressão de *cyberbullying*. Foi, ainda, possível verificar que não existiram diferenças significativas na maior parte dos itens entre os/as participantes provenientes de diferentes meios (isto é, do meio rural ou do meio urbano) ou de diferentes anos curriculares.

O presente estudo apresenta algumas limitações. Em primeira instância, é necessário referir a perda de respostas devido a um erro (cuja causa é desconhecida pelos investigadores) da plataforma utilizada para a recolha de dados – o *Google Forms*. Quanto ao questionário realizado, é importante notar que não é certo que tenha ficado claro entre os/as participantes que as respostas pretendidas se deveriam referir aos acontecimentos passados nas escolas básica e/ou secundária. Ademais, no questionário quando se apontam os diferentes exemplos práticos de comportamentos associados ao *cyberbullying*, não se encontra presente uma das categorias propostas por Willard (2005): a exclusão. É ainda necessário notar que, por lapso dos/das investigadores/as, a frequência relativa à subescala *Agent Scale* da *Homophobic Content Agent Target Scale* foi erradamente inserida, o que afetou a análise dos dados recolhidos e respetiva interpretação. No que diz respeito à metodologia, deve-se referir a amostra por conveniência, que dificulta a generalização dos resultados obtidos. Por fim, reconhece-se que o tempo passado entre o preenchimento do questionário e as experiências de vitimação pode ser uma limitação do presente estudo.

Devem, ainda, ser referidos os contributos desta investigação. As análises estatísticas realizadas e os resultados obtidos através das mesmas podem providenciar esclarecimentos acerca deste fenómeno e podem suportar resultados de estudos futuros. Além disso, ainda que não seja possível obter relações de causalidade por si só, os estudos retrospectivos concebem um relato único sobre a visão dos/as participantes acerca da sua experiência e daquelas que pensam ser as consequências que advieram da mesma (Schäfer et al., 2004). No entanto, apesar deste estudo permitir analisar dados que aconteceram no passado dos participantes, este último não poderá substituir, de forma nenhuma, um estudo longitudinal.

Relativamente a estudos futuros, pensa-se ser de extrema importância a exploração deste fenómeno através de métodos qualitativos, de forma a melhor compreender e caracterizar as experiências tanto de vítimas como de agressores/as. Ademais, é necessário encorajar o desenvolvimento de estudos acerca da temática supracitada, com o objetivo de tornar este tipo de violência visível e conhecido, possibilitando assim a sua avaliação e a planificação de intervenções preventivas. Pensa-se, também, ser importante explorar de forma mais profunda quais as consequências derivadas deste fenómeno. Além disso, será certamente de interesse realizar um estudo cujo âmbito se assemelhe ao da presente investigação com estudantes que frequentem, na data, as escolas básica ou secundária. Poderá, ainda, interessar a realização de um estudo caracterizador do fenómeno *cyberbullying* com conteúdo homofóbico em que se tenha em conta a orientação sexual e a identidade de género dos/as participantes.

Em suma, conclui-se que a presente investigação contribui para a caracterização geral do fenómeno do *cyberbullying* com conteúdo homofóbico, explorando aspetos como os tipos de comportamento mais frequentes, os alvos e os/as agressores/as mais usuais, e ainda o impacto destas experiências na vida dos/as indivíduos/as. Importa ter presente que o *cyberbullying* com conteúdo homofóbico é uma forma de violência atual, presente na vida de diversos/as jovens, pelo que se torna necessária uma tomada de consciência acerca das suas características e eventuais consequências.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- António, R., Pinto, T., Pereira, C., Farcas, D., & Moleiro, C. (2012). Bullying homofóbico no contexto escolar em Portugal. *Psicologia*, 26(1), 17-32.
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (2011). Bullying. In *Manual crianças e jovens vítimas de violência: Compreender, intervir e prevenir* (p. 63-81). Lisboa: ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE APOIO À VÍTIMA.
- Belsey, B. (2005). *Cyberbullying: An emerging threat to the “always on” generation*. Retirado de:  
[http://www.inukshuk.com/pdf/Cyberbullying\\_Presentation\\_Description.pdf](http://www.inukshuk.com/pdf/Cyberbullying_Presentation_Description.pdf)
- Björkqvist, K., Lagerspetz, K., & Kaukiainen, A. (1992). Do girls manipulate and boys fight? Developmental trends in regard to direct and indirect aggression. *Aggressive Behavior*, 18(2), 117-127.
- Blumenfeld, W., & Cooper, R. (2010). LGBT and allied youth responses to cyberbullying: Policy implications. *The International Journal of Critical Pedagogy*, 3(1), 112.
- Borrillo, D. (2001). *Homofobia*. Barcelona: Bellaterra.
- Brewin, C. R., Andrews, B., & Gotlib, I. H. (1993). Psychopathology and early experience: a reappraisal of retrospective reports. *Psychological Bulletin*, 113(1), 82.
- Buelga, S., Cava, M., & Musitu, G. (2010). Cyberbullying: victimización entre adolescentes a través del teléfono móvil y de Internet. *Psicothema*, 22(4), 784-789.
- Buelga, S., & Pons, J. (2012). Agresiones entre adolescentes a través del teléfono móvil y de Internet. *Psychosocial Intervention*, 21 (1), 91-101.
- Campos, M. (2009). *O cyberbullying: natureza e ocorrência em contexto português* (Dissertação de Doutoramento). Instituto Superior das Ciências do Trabalho e da Empresa, Portugal.

- Coelho, V. A., Sousa, V., Marchante, M., Brás, P., & Romão, A. (2016). Bullying and cyberbullying in Portugal: Validation of a questionnaire and analysis of prevalence. *School Psychology International*, 37(3), 223-239.
- Cooper, R., & Blumenfeld, W. (2012). Responses to cyberbullying: A descriptive analysis of the frequency of and impact on LGBT and allied youth. *Journal of LGBT Youth*, 9(2), 153-177.
- Costa, C., Pereira, M., de Oliveira, J., & Nogueira, C. (2010). Imagens sociais das pessoas LGBT. *Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de gênero*. Lisboa: Comissão para a Igualdade de Género.
- Cruz, A. (2011). *O cyberbullying no contexto português*. (Dissertação de doutoramento). Universidade Nova de Lisboa, Portugal.
- Cuellar, L., & Acosta, M. (2013). El acoso escolar virtual, ¿un mundo sin límites?. In Acosta, M. M., Cuellar, L., & Martínez, J. (Eds), *El Bullying por Homofobia debe salir del clóset*, (p. 43-51). Banco Interamericano de Desarrollo.
- Dantas, M., & Neto, A. (2015). O discurso homofóbico nas redes sociais da internet: uma análise no Facebook “Rio sem Homofobia-Grupo Público”. *Cadernos do Tempo Presente*, (19).
- Epstein, D. (1997). Boyz'Own Stories: Masculinities and sexualities in schools [1]. *Gender and Education*, 9(1), 105-116.
- Harris Interactive and GLSEN. (2005). *From teasing to torment: School climate in America, a survey of students and teachers*. New York: GLSEN
- Hinduja, S., & Patchin, J. W. (2011). Cyberbullying and Sexual Orientation. Cyberbullying Research Center. Retirado de: <http://www.cyberbullying.us>
- ILGA - Intervenção Lésbica, Gay, Bissexual e Transgénero Portugal (2016). *Observatório da Discriminação em função da Orientação Sexual e Identidade de Género: a Discriminação Homofóbica e Transfóbica em Portugal 2015*. Retirado de: [http://ilga-portugal.pt/ficheiros/pdfs/observatorio\\_discriminacao\\_2015.pdf](http://ilga-portugal.pt/ficheiros/pdfs/observatorio_discriminacao_2015.pdf)

- Kowalski, R., & Limber, S. (2007). Electronic bullying among middle school students. *Journal of Adolescent Health, 41*(6), S22-S30.
- Kuhn, Q., Lyra, L., & Tosi, P. (2011). Bullying em contextos escolares. *Unoesc & Ciência-ACHS, 2*(1), 49-62.
- Lima, A. S. (2009). Da cultura da mídia à cibercultura: as representações do eu nas tramas do ciberespaço. *III Encontro de Pesquisa em Comunicação e Cidadania*. Goiânia, Brasil.
- Maidel, S. (2009). Cyberbullying: um novo risco advindo das tecnologias digitais. *Revista Electrónica de Investigación y Docencia (REID), 2*(2).
- Martins, C. (2011). Manual de análise de dados quantitativos com recurso ao IBM SPSS: Saber decidir, fazer, interpretar e redigir. *Braga: Psiquilíbrios Edições*.
- Matos, A., Pessoa, T., Amado, J., & Jäger, T. (2011). Agir contra o cyberbullying – Manual de formação. *Literacia, Media e Cidadania, 183-196*.
- Mayer, S., & Kloh, F. (2014). Bullying x adolescência: um estudo comparativo entre escolares da zona urbana e rural de Santa Cruz Do Sul 226 RS. *Anais do Salão de Ensino e de Extensão, 307*.
- Medeiros, E., Gouveia, V., Monteiro, R., Silva, P., Lopes, B., Medeiros, P., & Silva, É. (2015). Bullying Behaviors Scale (BBS): Development and Psychometrics Evidences. *Psico-USF, 20*(3), 385-397.
- Neto, A. (2005). Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria, 81*(5), 164-172.
- Olweus, D. (2003). A profile of bullying at school. *Educational Leadership, 60*(6), 12-17.
- Olweus, D. (2011). Bullying at school and later criminality: Findings from three Swedish community samples of males. *Criminal Behaviour and Mental Health, 21*(2), 151-156.
- Olweus, D. (2013). School bullying: Development and some important challenges. *Annual Review of Clinical Psychology, 9*, 751-780.



- Pereira, B., Mendonca, D., Neto, C., Valente, L., & Smith, P. (2004). Bullying in Portuguese schools. *School Psychology International*, 25(2), 241-254.
- Pescitelli, A. (2013). *MySpace or yours?: Homophobic and transphobic bullying in cyberspace* (Dissertação de doutoramento). Simon Fraser University, Canadá.
- Pinheiro, L. (2009). *Cyberbullying em Portugal: Uma perspectiva sociológica*. (Dissertação de doutoramento). Universidade do Minho, Portugal.
- Plummer, D. C. (2001). The quest for modern manhood: Masculine stereotypes, peer culture and the social significance of homophobia. *Journal of Adolescence*, 24, 15-23.
- Poteat, V. P. (2008). Contextual and moderating effects of the peer group climate on use of homophobic epithets. *School Psychology Review*, 37, 188-201
- Poteat, V., & Espelage, D. (2005). Exploring the relation between bullying and homophobic verbal content: The Homophobic Content Agent Target (HCAT) Scale. *Violence and Victims*, 20(5), 141-150.
- Prati, G. (2012). Development and psychometric properties of the homophobic bullying scale. *Educational and Psychological Measurement*, 72(4), 649-664.
- Rivers, I. (2001). Retrospective reports of school bullying: Stability of recall and its implications for research. *British Journal of Developmental Psychology*, 19(1), 129-141.
- Rodrigues, L., Grave, R., de Oliveira, J., & Nogueira, C. (2016). Estudio sobre Bullying Homofóbico en Portugal con recurso al Analisis de Correspondencias Multiples (ACM). *Revista Latinoamericana de Psicología*, 48(3), 191-201.
- Rubin, D. C. (2002). Autobiographical memory across the lifespan. In P. Graf & N. Ohta (Eds.), *Lifespan development of human memory* (pp. 159-184). Cambridge, MA: MIT Press
- Russell, S., Ryan, C., Toomey, R., Diaz, R., & Sanchez, J. (2011). Lesbian, gay, bisexual, and transgender adolescent school victimization: Implications for young adult health and adjustment. *Journal of School Health*, 81(5), 223-230.

- Santos, M., Santiago, M., & Quirino, G. (2015) *Cyberbullying relativo à diversidade sexual: um olhar omnilético: Anais do IV Seminário Enlaçando Sexualidades*. Universidade do Estado da Baía, Brasil.
- Schäfer, M., Korn, S., Smith, P. K., Hunter, S. C., Mora-Merchán, J. A., Singer, M. M., & Meulen, K. (2004). Lonely in the crowd: Recollections of bullying. *British Journal of Developmental Psychology*, 22(3), 379-394.
- Silva, R. (2014). *Bullying escolar: um estudo das práticas agressivas em alunos do 3º ciclo no distrito de Aveiro*. (Dissertação de Mestrado). Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal.
- Smith, P. K., Mahdavi, J., Carvalho, M., & Tippett, N. (2006). An investigation into *cyberbullying*, its forms, awareness and impact, and the relationship between age and gender in cyberbullying. *Research Brief No. RBX03-06*. London: DfES. Retirado de: <http://webarchive.nationalarchives.gov.uk/20130323025443/https://www.education.gov.uk/publications/eOrderingDownload/RBX03-06.pdf>
- Swearer, S. M., Tumer, R. K., Givens, J. E., & Pollack, W. S. (2008). "You're so gay!": Do different forms of bullying matter for adolescent males? *School Psychology Review*, 37, 160-173.
- Toomey, R., Ryan, C., Diaz, R., Card, N., & Russell, S. (2010). Gender-nonconforming lesbian, gay, bisexual, and transgender youth: school victimization and young adult psychosocial adjustment. *Developmental Psychology*, 46(6), 1580.
- Varjas, K., Meyers, J., Kiperman, S., & Howard, A. (2013). Technology hurts? Lesbian, gay, and bisexual youth perspectives of technology and cyberbullying. *Journal of School Violence*, 12(1), 27-44.
- Wal, M., Wit, C., & Hirasings, R. (2003). Psychosocial health among young victims and offenders of direct and indirect bullying. *Pediatrics*, 111(6), 1312-1317.
- Walker, C. (2015). An analysis of cyberbullying among sexual minority university students. *Journal of Higher Education Theory and Practice*, 15(7), 44.

- Wanzinack, C., & Reis, C. (2015). Cyberbullying e violência na rede: Relações entre poder e desenvolvimento no litoral do Paraná. In *XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Rio de Janeiro, Brasil, 4-7 Setembro 2015*.
- Wiederhold, B. (2014). Cyberbullying and LGBTQ youth: a deadly combination. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 17(9), 569-570.
- Willard, N. (2005). Cyberbullying and Cyberthreats. *OSDSF Nacional Conference*. Washington. Retirado de:  
<http://bcloud.marinschools.org/SafeSchools/Documents/BP-CyberBandT.pdf>
- Willard, N. E. (2007). The authority and responsibility of school officials in responding to cyberbullying. *Journal of Adolescent Health*, 41(6), S64-S65.

## **ANEXOS**

## Anexo 1

### *Cyberbullying* com Conteúdo Homofóbico

#### Secção 1

Venho solicitar a sua colaboração no preenchimento de um questionário, com duração aproximada de 10 minutos destinado à realização da minha dissertação de mestrado, cujo tema se pretende com a frequência e o impacto do *Cyberbullying* com Conteúdo Homofóbico. Este estudo pretende conhecer o fenómeno do *cyberbullying* (*bullying* praticado através das tecnologias de informação e comunicação) junto de alunos universitários, centrando-se na sua infância e adolescência.

Durante o preenchimento deste inquérito, em nenhum momento será necessária a sua identificação e as respostas obtidas através do mesmo serão completamente anónimas. Esta pesquisa não terá nenhum gasto e/ou ganho financeiro para si e é livre de desistir a qualquer momento sem nenhuma consequência.

Obrigado!

Mariana Magalhães

Ciente do termo acima referido:

☐ Concordo em participar neste estudo.

☐ Não concordo em participar neste estudo.

#### Secção 2

1. Sexo: Masculino ☐ Feminino ☐

2. Idade: \_\_\_\_\_

3. Que faculdade frequenta?

Arquitetura ☐

Belas Artes ☐

Ciências ☐

Ciências Biomédicas ☐

Ciências da Nutrição e da Alimentação ☐

Desporto ☐

Direito ☐

Economia e Gestão ☐

Engenharia ☐

Letras ☐

Medicina ☐

Medicina Dentária ☐

Psicologia e Ciências da Educação ☐

4. Ano curricular:

1º ano ☐

2º ano ☐

3º ano ☐

4º ano ☐

5º ano ☐

6º ano ☐

5. A sua escola situava-se numa zona:

Rural ☐

Urbana ☐

### Secção 3

- Por favor, assinale com que frequência passou pelas seguintes experiências, durante a sua infância e/ou adolescência:

|   | Nunca | Apenas 1 vez | Ocasionalmente | Frequentemente |
|---|-------|--------------|----------------|----------------|
| Recebeu mensagens insultuosas?  |       |              |                |                |
| Partilharam uma fotografia íntima sua?  |       |              |                |                |
| Enviaram-lhe uma mensagem ordinária?  |       |              |                |                |
| Enviaram mensagens aos seus colegas/ amigos com o objetivo de espalhar um boato sobre si? |       |              |                |                |
| Usaram os seus dados ou uma fotografia sua nas redes sociais com o intuito de se          |       |              |                |                |

|  |  |  |  |  |
|--|--|--|--|--|
| fazerem passar por si?                         |  |  |  |  |
| Recebeu uma mensagem ameaçadora?               |  |  |  |  |
| Alguém publicou um segredo seu <i>online</i> ? |  |  |  |  |

## HOMOPHOBIC AGENT TARGET SCALE

- Utilizaram alguns dos seguintes meios para o fazer?

|  | Nunca | Apenas<br>1 vez | Ocasionalmente | Frequentemente |
|--|-------|-----------------|----------------|----------------|
| Mensagens de texto (SMS)                           |       |                 |                |                |
| Chamadas telefônicas                               |       |                 |                |                |
| Redes sociais (Facebook, Instagram, Snapchat, etc) |       |                 |                |                |
| <i>Chats</i>                                       |       |                 |                |                |
| Emails   |       |                 |                |                |
| Outro meio deste tipo. Qual?                       |       |                 |                |                |

- No caso de ter assinalado a existência dos comportamentos acima referidos, em que medida acha que eles o afetaram na esfera:

|              | Não afetou | Afetou um pouco | Afetou muito | Afetou muitíssimo |
|--------------|------------|-----------------|--------------|-------------------|
| Familiar     |            |                 |              |                   |
| Escolar      |            |                 |              |                   |
| Psicológica  |            |                 |              |                   |
| Profissional |            |                 |              |                   |
| Social       |            |                 |              |                   |

#### Secção 4

- Por favor, indica com que frequência praticou estes comportamentos:

|  | Nunca | Apenas 1 vez | Ocasionalmente | Frequentemente |
|--|-------|--------------|----------------|----------------|
| Enviou mensagens insultuosas a alguém?   |       |              |                |                |
| Partilhou uma fotografia íntima que te enviaram?   |       |              |                |                |
| Enviou uma mensagem ordinária a alguém?  |       |              |                |                |
| Enviou mensagens aos seus colegas com o objetivo de espalhar um boato sobre outrem?              |       |              |                |                |
| Usou uma fotografia de alguém nas redes sociais com o intuito de o fazer passar por essa pessoa? |       |              |                |                |
| Enviou uma mensagem ameaçadora?  |       |              |                |                |
| Partilhou um segredo que não era seu <i>online</i> ?   |       |              |                |                |

#### HOMOPHOBIC AGENT TARGET SCALE

- Utilizou alguns dos seguintes meios para o fazer)?

|                          | Nunca | Apenas 1 vez | Ocasionalmente | Frequentemente |
|--------------------------|-------|--------------|----------------|----------------|
| Mensagens de texto (SMS) |       |              |                |                |



|  |  |  |  |  |
|--|--|--|--|--|
| Chamadas telefônicas                               |  |  |  |  |
| Redes sociais (Facebook, Instagram, Snapchat, etc) |  |  |  |  |
| <i>Chats</i>                                       |  |  |  |  |
| Emails   |  |  |  |  |
| Outro meio deste tipo. Qual?                       |  |  |  |  |

- No caso de ter assinalado a existência dos comportamentos acima referidos, em que medida acha que eles o afetaram na esfera:

|              | Não afetou | Afetou um pouco | Afetou muito | Afetou muitíssimo |
|--------------|------------|-----------------|--------------|-------------------|
| Familiar     |            |                 |              |                   |
| Escolar      |            |                 |              |                   |
| Psicológica  |            |                 |              |                   |
| Profissional |            |                 |              |                   |
| Social       |            |                 |              |                   |

# ***Cyberbullying* e comunicação homofóbica na infância e na adolescência: um estudo exploratório**

Mariana Melo Maia Barros Magalhães

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

